

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
LASEB- DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO E INTERSETORALIDADE

JACQUELINE PERES VIEIRA DE SOUZA

**INVENTANDO DE SER PRINCESA: diálogo com as meninas do
primeiro ciclo do Ensino Fundamental**

Belo Horizonte

2019

JACQUELINE PERES VIEIRA DE SOUZA

**INVENTANDO DE SER PRINCESA: diálogo com as meninas do
primeiro ciclo do Ensino Fundamental**

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em formação de Educadores para
a Educação Básica da Rede Municipal de
Educação de BH-MG

Área de Concentração: I - Educação, Diversidade
e Intersetorialidade .

Professor orientador: Paulo Henrique de Queiroz
Nogueira

BELO HORIZONTE

2019

S729i

Souza, Jacqueline Peres Vieira de, 1976-

Inventando de ser princesa [manuscrito] : diálogo com as meninas do primeiro ciclo do ensino fundamental / Jacqueline Peres Vieira de Souza. - Belo Horizonte, 2019.

77 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

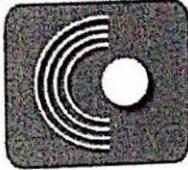
1. Educação. 2. Educação de crianças. 3. Literatura infanto-juvenil. 4. Contos de fadas. 5. Identidade.

I. Título. II. Nogueira, Paulo Henrique de Queiroz. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.190981

Catálogo na Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG

Bibliotecário: Moema Brandao da Silva. CRB6 1581 (Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica†.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO TRIGÉSIMO QUINTO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Inventando de ser princesa: diálogo com as meninas do primeiro ciclo do Ensino Fundamental**”, do(a) aluno(a) **Jacqueline Peres Vieira de Souza**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Paulo Henrique Queiroz Nogueira (orientador) e Bárbara Bruna Moreira Ramalho. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADA, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Jacqueline Peres Vieira de Souza
Jacqueline Peres Vieira de Souza

Registro na UFMG: 2018750750

Paulo Henrique Queiroz Nogueira
Paulo Henrique Queiroz Nogueira
Professor(a) Orientador(a)

Bárbara Bruna Moreira Ramalho
Bárbara Bruna Moreira Ramalho
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Dedico este trabalho a todas as mulheres que com coragem e garra vão lutando contra toda forma de preconceito e tabu.

Agradeço imensamente as mulheres que estiveram presentes em minha vida e principalmente a minha mãe, Marilde, e minha tia Leny. Agradeço as amigas do Laseb, que me fizeram companhia durante todos os sábados nessa longa caminhada e aos meus professores queridos. Agradeço as minhas amigas pelo apoio e força nas horas em que mais precisei. Agradeço aos meus filhos, que sempre compreenderam minha ausência. E finalmente, agradeço as minhas duas gatinhas, Fel e Gamora pela incansável companhia e distração.

Epígrafe

Triste, Louca Ou Má

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem, dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou (e um homem não me define)
Desatou nós (minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)

Eu estou meu próprio lar

Ela desatinou (e um homem não me define)
Desatou nós (minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)

Eu estou meu próprio lar

Francisco, El Hombre

RESUMO

Este trabalho relata uma intervenção realizada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir de um diálogo com as crianças sobre as figuras femininas presentes em diferentes contos de fadas e em dois filmes de animação, Mulan e Valente de Walt Disney. A perspectiva adotada durante o trabalho foi de focar a figura da princesa nessas narrativas, confrontando-as com situações reais em que as crianças estão inseridas. O incômodo com a fixação de padrões de gênero levou-me a problematização dessas personagens protagonistas dos filmes e dos contos. Tal incômodo resultou em uma observação sobre as relações dos meninos e meninas com essas personagens. A metodologia usada foi a etnografia que envolveu registros escritos e reflexões acerca de comportamentos estereotipados de gênero expressos nesses alunos e alunas. A todo momento, deparei-me com a necessidade de distanciar-me do familiar presente no cotidiano da sala de aula. Para tanto, elaborei um diário de campo durante a intervenção em que registrei as conversas e atitudes espontâneas das crianças em interação entre si e comigo. Esse diário de campo contribuiu para a construção sistemática do presente trabalho. Através das investigações e reflexões foi possível notar que a convivência entre as crianças teve uma melhora significativa. As meninas e os meninos começaram a refletir sobre si e seus comportamentos permitindo que afirmações preconceituosas e ofensivas fossem interrogadas por eles durante as atividades propostas.

Palavras chaves: infância, literatura infantil; desenhos animados e gênero

ABSTRACT

This present work is about an intervention done with students in the early years of Elementary School through a dialogue with them about female figures in different fairy tales and two animated films, *Mulan* and *Brave* from Walt Disney. The perspective adopted during the work was to focus the princess figure on these narratives, confronting them with real situations in which the children are inserted. The inconvenience with the establishment of gender patterns led me to problematize these protagonist characters of films and short stories. Such problem resulted in an observation about the relationships of boys and girls with these characters. The methodology used was ethnography that involved written records and reflections about stereotyped gender behaviors expressed in these students. At all times, I came across the need to distance myself from the familiar in the classroom every day. To this end, I prepared a field journal during the intervention in which I recorded the conversations and spontaneous attitudes of children interacting with each other and with me. This field journal contributed to the systematic construction of the present work. Through the investigations and reflections, it was possible to notice that the coexistence among the children had a significant improvement. Girls and boys began to reflect on themselves and their behaviors by allowing prejudiced statements were questioned by them during the proposed activities.

Keywords: childhood, children's literature; cartoons and genre

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atividade de alfabetização voltada à discussão do papel feminino... 45	45
Figura 2: Opinião de uma menina 46	46
Figura 3: Escrita das crianças da sala..... 46	46
Figura 4: Baile de carnaval..... 51	51
Figura 5: Baile de carnaval..... 52	52
Figura 6: Painel elaborado pelas crianças 54	54
Figura 7: Crianças e o mural da turma 62	62
Figura 8: Visitando o parque Lagoa do Nado 64	64
Figura 9: Visitando o parque Lagoa do Nado 65	65

SUMÁRIO

1.Da infância à minha constituição como mulher e professora	13
1.1.Relatando minha prática docente.....	17
2.Retrato da minha sala de aula na perspectiva de gênero	22
2.1.Do ideal de ser princesa a realidade de ser mulher	27
2.2.Gênero e a construção do feminino	29
2.3.A construção identitária de gênero das meninas.....	30
2.4.Os contos de fadas e o imaginário infantil.....	33
2.5.A história dos contos de fadas e a imagem da mulher	36
2.6.A Disney e as Princesas.....	40
3.Trabalho de reflexão com as crianças: metodologia	42
4.Preparando terreno para intervenção.....	49
4.1.O baile de carnaval	49
4.2.Meninos e meninas, bonecas e carrinhos	52
4.3.Dia internacional das mulheres	53
4.4.Conversa com o aluno Branco.	55
4.5.Mais livros mais literatura	56
4.6.A construção da autoimagem das crianças e exibição dos filmes.....	58
4.7.Preparação para a festividade do mês das mães	60
4.8.O passeio ao Parque Fazenda Lagoa do Nado	63
4.9.“ Por que só as princesas se dão bem?”	65
4.10.Desdobramentos observados durante a aplicação do trabalho.....	69
4.10.1.Noivado no recreio: um pacto de respeito	69
4.10.2.A convivência em sala de aula	70
5.Considerações finais	72
6.Referências bibliográficas	75

1. DA INFÂNCIA À MINHA CONSTITUIÇÃO COMO MULHER E PROFESSORA

Na minha infância sempre e imaginei como uma princesa poderosa que poderia salvar o mundo e fazer dos meninos os meus servos. Não possuía cadernos e mochilas estereotipadas, mas já escutava narrativas clássicas de literatura na vitrola de minha tia assistia episódios do Sítio do Pica Pau Amarelo, que passavam na TV . Estas histórias atiçavam minha imaginação fazendo-me pensar que princesa eu seria.

Pois, como nos diz BETTLEIM:

Sem nos darmos conta, o inconsciente nos leva de volta aos tempos mais remotos de nossas vidas. Os lugares mais estranhos, mais antigos, mais distantes, e ao mesmo tempo mais familiares de que fala um conto de fadas, sugerem uma viagem ao interior de nossa mente, nos domínios da inconsciência e do inconsciente. (BETTLEIM, 1988, p.79).

Desde muito pequena me interessei por brincadeiras de rua: finca, carrinhos de rolimã, soltar pipas, esconde–esconde e outras tantas. Gostava de imaginar meu mundo cheio de seres fantásticos que iriam me fazer descobrir tudo que havia nele. Apesar de ter TV e rádio, a minha maior distração era ir às casas das senhoras de idade que haviam no bairro. Lá ouvia histórias e relatos pessoais e passava horas observando seu modo de cuidar da casa, das pessoas e ouvir o que elas realmente achavam importante na vida.

De modo ainda mais significativo, se nós, os pais, contamos estórias para nossos filhos, podemos dar-lhes o reassseguramento mais importante: nossa aprovação de que eles brinquem com a ideia de levar a melhor sobre esses gigantes. (BETTLEIM, 1988, p. 36).

Havia uma senhora de 71 anos a quem eu chamava de vó Paula e que me ensinou a bordar, fazer croché, a importar-me com as plantas, e que me apresentou um mundo diferente. Essa senhora havia criado duas crianças sozinhas, um era adotivo. Ela era negra, sábia e adorava um guru chamado Zuru, que apresentava um programa de rádio todas as manhãs. Nesse programa, ele transmitia mensagens sobre como ser forte e sobreviver diante as dificuldades.

Outra vovó que fez toda diferença na minha vida foi minha tia por parte de mãe. Ela sempre me falava sobre como a política influencia nossa vida e como

os seres vivos e as pessoas podem fazer para conviverem em harmonia. Dizia que nós mulheres tínhamos um poder muito grande sobre nossos destinos. Ela se casou aos 40 anos e teve dois filhos que tinham a mesma idade que a minha. Minha tia era funcionária pública e adorava ler e escrever. Havia cuidado da mãe e do pai, era “rebelde” para a época a qual pertencia e selecionou seu companheiro a seu tempo, como ela mesma dizia. Escolheu depois de ter namorado bastante. Eu ia com frequência a sua casa e posso dizer que minha criação foi influenciada por ela ao apresentar-me narrativas literárias para ouvir em vitrolas, levar-me ao circo e ensinando-me a questionar a TV e tudo que ouvia e via.

Nos seus primeiros anos, até a idade de oito ou dez, a criança só pode desenvolver conceitos altamente personalizados sobre aquilo que experimenta. (BETTLHEIM, 1988, p. 63).

Enquanto as minhas avós me mostravam um mundo diferente, em casa, junto a minha mãe, vivíamos um período difícil em que eu questionava tudo.

Minha mãe era uma mulher forte, dedicada ao lar, ao marido e nunca trabalhou fora de casa. Quando meu pai saiu de casa a deixou com nove crianças, minha irmã mais velha estava com dezessete anos e eu sete . Minha mãe não sabia como iria sustentar as crianças. Ela não fora criada para se empoderar, somente para servir. Parte da sua docilidade vinha dos dogmas religiosos, além do patriarcado avassalador que a constituía. Interessante destacar que ela e minha tia receberam a mesma educação e teoricamente foram preparadas para assumir a vida matrimonial, contudo eram pessoas muito diferentes e com a constituição indenitária distinta.

Até aquele momento vivia livre nas brincadeiras de rua: finca, soltar papagaio, derrubar latas, pique esconde, carrinho de rolimã, casinha, circo, era meu viver mais intenso. As vivências com as mulheres na minha infância foram construindo a minha identidade. A escola, com seus padrões de organização, nem de longe me dava a liberdade que eu tinha fora dela..

Fui construindo meu imaginário sobre as coisas que acreditava como sendo importantes para mim, como seres, pessoas e figuras; e foi na escola que tive contato com livros e imagens. E por isso escola representa um marco em minha vida. O que acreditava ser verdade, através da minha imaginação,

se confrontava com as verdades através da literatura e de ilustrações que se apresentavam de forma quase que hegemônica nos livros didáticos e literários.

Talvez essas imagens e leituras tenham constituído em mim a obrigação de ser mulher e de como expressar minha feminilidade, no modo de ser, agir, falar, se comportar, pensar e de pertencer ao mundo. No exercício de minha docência, passei a questionar-me: será que minhas alunas estariam vivendo essa mesma realidade?

Observando a escola em que trabalho e outras as quais tenho ou tive, contato posso afirmar que ainda hoje o ambiente escolar tem espaços bem demarcados entre feminino e masculino: banheiros, filas, brincadeiras... Determinando o comportamento e o lugar de cada um. A sexualidade é deixada de lado nas conversas em sala de aula e nas dúvidas das crianças, pouco se dando importância ao que as crianças trazem em suas falas ou expressam através de seu comportamento.

Quando se olha para as meninas e meninos, percebe-se como as alunas exploram sua feminilidade de forma estereotipada e os meninos reforçam os comportamentos masculinos grosseiros, como sendo naturais. Ambos parecem estar em conflito entre o fazer por prazer e fazer o que “tem” que ser feito, reproduzindo o poder patriarcal¹ nas diversas situações do cotidiano escolar.

Através do seu currículo e de suas práticas, a escola reafirma o patriarcado, trazendo paradigmas considerados próprios da heterossexualidade normativa como bem explica LOPES (2003):

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. Lopes, Guacira. Currículo gênero e sexualidade; o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. (LOPES,2003, p. 43-44).

A instituição escolar não está preparada para discutir o que é considerado “normal” ou “anormal”, “natural” ou “antinatural”, evitando assim desafios e conflitos. A prática escolar reproduz estereótipos acerca das expressões de

¹ Palavra advinda de patriarcado, que segundo o Dicionário Crítico do Feminismo, quer dizer “formação social onde o homem tem poder”.

gênero e da sexualidade. O que é feito de maneira mecânica e metódica se torna normalizado por comodismo e ainda reforça o que é considerado “o centro articulador de uma identidade mestra”, que seria, segundo LOPES (2003) :o masculino, o branco e o hétero. Todas as ideias divergentes a essa discussão e mesmo as práticas que fazem são consideradas anormais ou, nas palavras da autora, excêntricas.

A escola parece não entender que a reflexão sobre a prática pedagógica deve incluir as questões de gênero. Continua-se a difundir textos, incluindo principalmente, os contos de fadas, em que o feminino e as mulheres são subjugadas a uma perspectiva masculina sem nenhuma reflexão ou crítica contestatória. Os profissionais da educação parecem se ater apenas ao estudo do gênero textual deixando de enfatizar as práticas voltadas à identidade de gênero e a (re)produção de suas hierarquias, e não permitindo assim que sejam confrontadas com situações reais e corriqueiras que as crianças enfrentam.

Essa instituição tem sido um desafio constante para os profissionais que lá atuam devido as suas especificidades, seus contextos, seus conflitos diários e constantes que modelam o seu cotidiano, principalmente a sala de aula.

Como diria Paulo Freire, o aluno está inserido em um processo de aprendizagem anterior à escola como instituição e essa educação realizada dentro dos muros da escola só fará sentido para ele se estiver em sintonia com sua vivência. Pensando nisso e nos conflitos gerados pelas trocas de saberes entre professor e aluno, indagamos o que tem acontecido dentro das escolas que deixam o trabalho docente cada vez mais árduo? Talvez a resposta esteja na organização estrutural da instituição ou na dificuldade do docente em se preparar para a realidade escolar. As pessoas que estão dentro das escolas carregam mundos construídos antes e durante a permanência na instituição e esses mundos não são harmônicos entre si, causando às vezes desconforto nos conflitos. Podemos dizer que esses conflitos perpassam por várias questões, inclusive a de gênero, posto que, nesse aspecto, as hierarquias de gênero que sustentam privilégios e subordinações perpassam a todos nós em contextos escolares ou não.

Ninguém é uma tábula rasa, carregamos em nossos corpos os saberes sobre nossas práticas e experiências. Paulo freire nos ensina que as pessoas estão inseridas no contexto escolar não são um livro em branco pronto para ser preenchido. Possuem vivências anteriores à escola, acumulando saberes, que se bem aproveitados ou estimulados poderão construir novos saberes.

Por isso é importante dizer que se, por um lado, essas aprendizagens poderão vir a constituir um repertório exposto em assimetrias de gênero calcadas em estereótipos embasados em preconceitos e discriminações, por outro lado, há resistências nas expressões de gênero que cada um, alunos e professoras(es) carregam nessas mesmas vivências. Cabe a escola perceber essas tensões e contradições que atravessam a todos nós, elucidar que há várias maneiras de ser homem e mulher, que as relações de gênero são plurais e diversas, e que fenômenos de intolerância é que devem ser combatidos ativamente por todos.

Acredito que um caminho trilhado dentro da escola, levando em consideração os saberes relacionados à vivência do educando, nos traria mais leveza e um aprendizado mais eficaz, pois é nessa diversidade de experiência que se encontram disseminadas as diferentes possibilidades de ser e estar no mundo. Para isso seria necessário e urgente o engajamento da(o) profissional na procura de uma “autoatualização”. (Hooks- 2019)

Toda sala de aula em que for aplicado o modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. (Hooks, 2019, p. 35)

Percebemos que apesar dos avanços em termos de uma pedagogia emancipatória ainda se verifica a subalternização do feminino dentro das escolas. No seu interior acontecem práticas que reafirmam o papel feminino, inclusive através dos contos de fadas levados para dentro de sala de aula. São narrativas europeias que não encontram aderência na realidade vivida pelas meninas. Será que atende as expectativas dessas meninas se elas não vivem isso na prática? Porque essas meninas ainda querem viver isso?

1.1.Relatando minha prática docente

Em 2007, trabalhava como assistente técnico de educação básica em uma escola de Ensino Fundamental do Estado de Minas Gerais. Desenvolvia atividades que me colocavam em contato direto com os alunos. A escola era pequena e eu ensaiava os alunos para o teatro e apresentações de dança, além de dar aulas de reforço. A partir desse meu envolvimento com os trabalhos pedagógicos, surgiu, em mim, o desejo de me dedicar à educação e exercer a profissão de professor. Para tanto, busquei o curso de Pedagogia para construir um currículo como docente da Educação Básica. Como já era mãe de duas crianças pequenas, optei por um curso a distância, assim formei-me em Pedagogia em 2010 pela Universidade do Oeste do Paraná/UNOPAR.

Tão logo me formei, ingressei na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, inserindo-me como professora de uma rede pública de Ensino, atuando como apoio de turmas de terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Gabriela Peres².

Nunca havia atuado como professora em escola alguma e o desafio era aprender a ser professora em um contexto de pouco conhecimento do território escolar, o que me fez perceber o quanto era, então, pouco sensível aos problemas que as crianças relatavam a época de meu ingresso na prefeitura.

O tornar-se professora não foi fácil, exigiu muito empenho de minha parte para que eu desenvolvesse um compromisso com esses educandos a partir de uma percepção ética e responsável com a minha carreira de professora.

Passei, então, a desenvolver atividades contextualizadas e procurei ajuda da direção, coordenação e de colegas de trabalho. Particpei de uma primeira formação sobre “Matemática no dia a dia” desenvolvido pela professora Luciana Maria Tenuta de Freitas (mestre em Matemática).

Nesse curso, desenvolvi um trabalho de desafios com jogos e brincadeiras que chamassem a atenção dos alunos, sobretudo o Cubo Mágico com o desafio de montagem e raciocínio lógico. A partir desse ponto houve uma empatia entre mim os alunos; o que trouxe um benefício gigantesco quanto à disciplina e interesse das crianças.

² Esse nome, assim como demais nomes de escolas e pessoas, foram inventados para proteger as instituições e sujeitos da pesquisa.

Meu objetivo inicial era “sobreviver” em sala de aula e foi aos poucos se tornando uma grande paixão. No início, pensei em desistir da carreira e chegava exausta em casa e muito apática. As crianças exigiam muito de mim e o marido ajudava pouco nas tarefas domésticas e na criação dos filhos. Quase não me sentia como pessoa atuante na minha família. Foi doloroso, mas foi aos poucos se tornando uma meta a ser cumprida.

Nos anos seguintes, trabalhei como regente em uma turma de terceiro ano com defasagem de aprendizagem onde os alunos eram apáticos e com baixa autoestima. Nessa turma o desafio era fazer com que esses alunos se sentissem agentes da sua própria aprendizagem e descobrissem que eram capazes de aprender. Para eles, a escola e o que nela aprendiam não tinha importância.

Nesse contexto, desenvolvi um trabalho com fábulas e pequenas apresentações teatrais abrangendo as disciplinas de Matemática, História e Língua Portuguesa e, ao longo do ano letivo, construí jogos que trabalhassem sílabas, operações matemáticas fundamentais e brincadeiras. A grande culminância foi a apresentação de uma peça teatral protagonizada pelos alunos para todos os estudantes da escola, com os alunos da sala de aula, sobre o livro: “O Besouro e o Gafanhoto”, da autora Regina Mellino de Souza. Foi um momento muito gratificante, ao ver alunos introvertidos e sem autoestima em pequenos atores do teatro e da sua vida.

Lecionei, nessa mesma escola, em uma turma de primeiro ano, na qual permaneci até o terceiro ano do Ensino Fundamental - foram três anos de regência. Transformei-me em alfabetizadora e aprimorei participando do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa Básica/PNAIC durante três anos seguidos. Participei de todos os seminários propostos pelo curso e apliquei, de forma reflexiva, todo aprendizado na turma em que atuava.

Sempre trabalhei em conjunto com meu grupo de trabalho sendo solícita e trocando experiências entre as minhas colegas, avaliando proposições mais arraigadas e contrapondo-as a propostas mais inovadoras. O resultado foi, ao logo desses três anos, uma turma totalmente alfabetizada e com um entendimento matemático bem satisfatório. Participamos de um concurso chamado soletrando e outro de cálculos mentais, que consistia em uma disputa

entre os alunos de todos os terceiros anos da E.M Gabriela Peres, em uma parceria entre as professoras, a coordenação e a direção.

Atualmente, 2019, estou trabalhando na E.M. Marilde Costa Viera, situada na regional Venda Nova em Belo Horizonte. Trabalho como regente em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental.

A escola atende alunos de sete bairros no entorno, alunos de abrigo e alunos de vilas. A escola passou por grandes transformações desde a sua criação. Foi projeto piloto para implantação da Escola Plural, em 1995, e já teve seus espaços destinados inicialmente ao Ensino Técnico, posteriormente ao Ensino Fundamental e Médio e, finalmente, ao Fundamental, segundo o Projeto Político Pedagógico elaborado em 2008.

Como não há registro de nenhum Projeto Político Pedagógico posterior a dezembro de dois mil e oito, as notas que se seguem foram feitas baseadas em entrevista com os profissionais da escola, com a atual direção em observações pessoais. Atualmente, a escola atende a trinta e uma turmas: seis turmas de Primeiro Ciclo, dez turmas de Segundo Ciclo e vinte turmas de Terceiro Ciclos distribuídas em dois turnos: pela manhã, oitavo e nono anos do Terceiro Ciclo; e tarde, Primeiro e Segundo Ciclos além do sétimo ano do Terceiro Ciclo.

O Primeiro Ciclo foi implantado em dois mil e dezessete. A implantação das turmas de Primeiro Ciclo se deu por uma reivindicação da comunidade e por uma necessidade da escola em utilizar os espaços ociosos. Ainda não há uma proposta política pedagógica e nem uma elaboração curricular que atenda às turmas de Primeiro Ciclo que serão alvos da pesquisa a ser realizada.

Fui transferida para essa escola em dois mil e dezoito. Como a escola atende tradicionalmente estudante do terceiro ciclo e Ensino Médio houve “certo” estranhamento, por minha parte, no que diz respeito ao tamanho da escola e a locomoção dos meus alunos com um mínimo de controle e segurança dentro dela.. Meu incômodo se justifica porque no turno vespertino há um encontro entre as turmas de Terceiro e Primeiro ciclos nos momentos comuns a esses dois segmentos do Ensino Fundamental.

Senti muita resistência ao convívio por parte dos colegas de trabalho que ainda não haviam se acostumado com a presença de professoras de Primeiro Ciclo e nem muito menos com a presença dos alunos pequenos. Posto que as salas da Escola Municipal Marilde Costa Vieira/EMMCV foram feitas para atender alunos de Terceiro Ciclo e Ensino Médio, elas são espaçosas, mas com paredes impróprias para fixação de cartazes, materiais pedagógicos e trabalho dos alunos. O espaço da sala, por serem amplas, facilita a organização das mesas, mas ao mesmo tempo facilita a propagação do som tanto externo como interno, gerando muito ruído.

Além disso, há um distanciamento das relações com os alunos dentro de sala e o fato que contribui para isso é o afastamento de carteiras e mesa do professor. A Gestão Escolar ainda não prioriza ações visando à necessidade específica do Ciclo e nem tão pouco viabiliza o entrosamento entre os ciclos. Os recreios são separados e os professores do Primeiro Ciclo não participam das discussões importantes que são realizadas durante o intervalo do Segundo e Terceiro ciclos. A escola, portanto, encontra-se cindida em duas, como se os alunos e profissionais dos ciclos pertencessem a escolas diferentes.

Outra dimensão importante é que carrego comigo enquanto professoras em que minhas crenças me fazia sentir longe de uma prática docente emancipatória. Talvez a ausência de uma pedagogia engajada seja consequência de uma formação profissional despreocupada com as questões de gênero. Em nenhum momento da minha formação docente houve a preocupação, dos elaboradores, com as questões de gênero. Através do Curso do LASEB, Educação Diversidade e Intersectorialidade, da Universidade Federal de Minas Gerais, estou sendo convidada, a repensar toda minha prática docente. Esse curso contribuiu, e muito, para ampliar minha compreensão sobre o universo feminino e as ideias emancipatórias do feminismo: igualar sem inferiorizar o masculino e a adentrar no universo de gênero através uma pedagogia engajada e emancipatória.

2. RETRATO DA MINHA SALA DE AULA NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Nesse contexto acima indicado, a partir de minhas vivências pessoal e profissional e sabendo dos conflitos que envolvem gênero, raça, sexualidade e classe social; observei a escola como um todo na busca de um tema que fosse de meu interesse para, a partir daí, escrever meu plano de ação.

Como já ponderei anteriormente, o domínio dos corpos e mentes, principalmente feminino, através do culto às princesas dos contos de fadas provocou-me certo incômodo. Esse incômodo me fez trilhar esse plano de ação a partir da análise dos filmes da Wall Disney e da leitura dos livros de conto de fadas.

Selecionei e observei alguns livros literários e dois filmes da Disney, recentes, que traziam como protagonista as princesas.

Comecei a observar os materiais escolares das minhas alunas e alunos do segundo ano. Assim como em outras escolas, à maioria desses materiais carregam símbolos de princesas e heróis. Esta atitude levou-me a questionar como as crianças enxergavam esses símbolos e o que representavam para elas.

Percebi um grande apreço das alunas em mostrar seu material novo com imagens de princesas e a predominante cor rosa, típica da cultural ideia de pertencimento ao mundo feminino. Percebi ainda, o quanto a família é importante na propagação das ideologias culturais não emancipatórias das estudantes desde a infância. As imagens contidas nos materiais das meninas estavam longe de retratar a realidade indentitária delas.

As alunas com quem atuo gostam de cuidar da aparência e de exibirem um padrão visual difundido pela mídia e TV. Representam a maioria dos alunos: são dezessete meninas e oito meninos. Dessas 17 meninas, dez, se autodeclaram negras ou pardas, segundo entrevistas e dinâmica de autoconhecimento. Essa dinâmica consistiu em pedir aos meninos e meninas que colorissem seu autorretrato e depois fossem à frente da sala quando fossem chamadas pela cor.

Essas crianças trazem grande curiosidade em relação ao mundo que as cerca e possuem como hábito se compararem com as princesas dos filmes que assistem e dos livros que leem ou quando escutam histórias lidas para elas. Estranham quando a princesa não possui pele clara ou quando não possui padrões estereotipados dos filmes da Disney ou dos contos clássicos.

Na escola há uma preocupação com o bem estar físico das crianças do primeiro ciclo, pois há um contato, nos corredores, entre os alunos do segundo e terceiro ciclos com as crianças pequenas. A preocupação com a integridade física e moral dos pequenos é bem acentuada, principalmente, para com as meninas. Esse sentido para o feminino se acentua quando vemos as alunas da turma em que atuo gostarem de se parecer com as alunas dos outros ciclos, mais velhas do que elas. Por sua vez, as alunas do Segundo e Terceiro ciclos expressam sua feminilidade ao dizerem do gosto de “cuidar” das meninas de seis e sete anos como se elas fossem bonecas ou até mesmo filhas. A sensualidade é bem marcante tanto entre as crianças do primeiro ciclo quanto nas dos últimos ciclos: gostam de funk, de rebolar, de se maquiar, de se tocarem e de imitarem os adultos.

Assim, esse dado faz com que se perceba que a questão do gênero é bem acentuada tanto na escola, quanto na turma em que atuo. Todas essas estereotípias de gênero são marcantes e talvez determinantes sobre o que é considerado natural entre as meninas. E são reforçados através da literatura e das imagens divulgadas dentro da própria escola.

A leitura é certamente uma dessas práticas em que essas distinções, diferenciações e hierarquizações de gênero são produzidas, sendo a literatura infantil um das manifestações que colabora para isso:

Dessa maneira, o principal aspecto a ser levado em consideração para se pensar em gênero é o fato de as diferenças serem fabricadas por meio de relações de poder, nas mais distintas práticas. A leitura é certamente uma dessas práticas em que essas distinções, diferenciações e hierarquizações de gênero são produzidas, sendo a literatura infantil um dos discursos que contribui para isso. (PARAÍSO, 2018, p. 116-117).

Observando, entretanto, os filmes mais recentes da Disney percebemos que as princesas “evoluíram” passaram a ter mais força dentro dos contos, apesar de algumas ideias consideradas normativas prevalecerem, como a cor

da pele, dos olhos e estilos de roupas e a própria presença do patriarcado encarnado na figura de um homem - pai, irmão ou o príncipe- a quem elas devem se referir no desenrolar da trama.

Assim, se analisarmos a “Branca de Neve”³, 1937, e a “Merida” do filme “Valente”⁴, 2012, há um contraste quanto a atitude das duas princesas, no primeiro, vemos a princesa boazinha, paciente, cuidadora do lar, à espera do príncipe que a salvará da bruxa má. No segundo, vemos com a Merida, que não quer se casar, não quer ficar submissa, deseja fazer o que os irmãos fazem e questiona o tempo todo seu papel dentro do castelo, além de manifestar o seu desejo de decidir seu destino. Apesar dos filmes mostrarem as personagens principais com comportamentos diferenciados, ainda nos deparamos com o reforço dos estereótipos de corpo, cabelo, cor da pele, castelos, além do reforço ao sexismo e da delimitação das questões de gênero..

Diante dessa comparação, resolvi investigar como as crianças se identificam com as princesas, buscando formas didáticas que contribuem para

³ Longa metragem produzida na década de trinta que revolucionou o cinema de animação. Trazendo um claro indício ao sexismo e dos padrões de beleza esperados pela sociedade patriarcal. É um filme estadunidense de animação, dos gêneros musical, romance e aventura lançado em 1937. É o primeiro longa-metragem de animação da Disney e é baseado no conto de fadas "Branca de Neve", dos Irmãos Grimm. A história foi adaptada por Dorothy Ann Blank, Richard Creedon, Merrill De Maris, Otto Englander, Earl Hurd, Dick Rickard, Ted Sears e Webb Smith. David Hand foi o diretor supervisor, enquanto William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen dirigiram sequências individuais do filme. Branca de Neve e os Sete Anões foi o primeiro longa-metragem de animação produzido nos Estados Unidos, o primeiro totalmente a cores no mundo, o primeiro a ser produzido por Walt Disney e o primeiro filme dos considerados Clássicos Disney. Wikipedia, disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Branca_de_Neve_e_os_Setes_An%C3%B5es_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Branca_de_Neve_e_os_Setes_An%C3%B5es_(filme)), visualizado em oito de novembro de 2019.

⁴ Filme produzido, coincidentemente, após os movimentos feministas apontarem a liberdade feminina como direito e não concessão. É um filme estadunidense de 2012 dirigido por Mark Andrews e Brenda Chapman e produzido pela Pixar Animation Studios, a décima-terceira animação realizada pelo estúdio. O enredo do filme narra que, desde os tempos ancestrais, histórias de batalhas épicas e lendas míticas passaram de geração para geração nas montanhosas e misteriosas das Terras Altas da Escócia. Merida (Kelly Macdonald) é uma habilidosa arqueira e a impetuosa filha do Rei Fergus (voz de Billy Connolly) e da Rainha Elinor (voz de Emma Thompson). Determinada a trilhar o seu próprio destino, Merida desafia um costume ancestral, sagrado para os poderosos senhores da terra: o intenso Lorde MacGuffin (voz de Kevin McKidd), o arrogante Lorde Macintosh (voz de Craig Ferguson) e o irritante Lorde Dingwall (voz de Robbie Coltrane). As ações de Merida lançam inadvertidamente o caos e a fúria no reino, e quando ela recorre a uma velha e excêntrica bruxa (voz de Julie Walters) a ajuda vem em forma de maldição, transformando sua mãe em um urso. O perigo iminente força Merida a descobrir o significado da verdadeira coragem para que possa desfazer a terrível maldição antes que seja tarde demais.

a reflexão dos comportamentos, imagens e realidades das mesmas. Procurando, em primeiro momento, descobrir qual identidade essas meninas buscam e se há frustrações em comparação com as vidas das princesas contadas nos livros e filmes.

E, tendo em vista o contexto da turma e as necessidades acerca de uma educação que atenda as especificidades do ciclo e das crianças a qual atuo, desenvolvi um plano de ação que buscou entender como se dá a construção indenitária das meninas. Para isso utilizei os contos de fadas clássicos, livros literários onde aparecem princesas diferenciadas e as animações (Mulan e Valente)⁵, tomando como referência o papel das princesas.

Para adentrar em um universo infantil de crianças de idade entre sete/oito anos expostas às propagandas, filmes, desenhos e dogmas religiosos propostos pelos pais, utilizei o lúdico. Através dessa estratégia de sensibilização, me foi possível ouvir os relatos pessoais das estudantes e perceber nelas as manifestações sobre o gênero associadas ao feminino.

Percebi que as meninas pequenas estão procurando referências e ainda não questionam sobre o que é ser mulher ou menina e o porquê delas fazerem coisas diferentes dos homens. Parece estar bem definido o que elas pensam sobre o que é ser meninas dentro da sala de aula e da escola. As meninas têm uma preocupação com a aparência, modos de falar e agir e gostam de agradar os meninos sendo eles o centro da atenção da maioria delas. Já falam em namoro e já disputam o menino que acham mais bonito.

Nessa turma, já no primeiro ano de escolaridade do Ensino Fundamental, algumas questões de gênero e sexualidade surgiram com bastante expressividade. As meninas brincam de boneca, e parecem mais atraídas por explorarem seus corpos e dizerem de suas vaidades; enquanto os meninos querem brincar de “lutinhas”, cartas de baralho e bafo e futebol, Esses meninos hostilizam as meninas e não sentem confortáveis em dividir brinquedos e brincadeiras..

Nesse cenário, em fase de descobrimento, as meninas querem explorar beijar, abraçar e sentir os prazeres, percebe-se que já se tocam com

⁵ Os dois filmes foram produzidos pela Wall Disney

frequência, além de tocar os meninos e entre elas, já se pode perceber que elas têm uma preocupação com a aparência: gostam de molhar os cabelos, se olharem no espelho, se maquiarem, usar vestidos e shorts, se sentirem especiais.

Procuro reservar momentos para discussões e faço uso de leituras em sala sobre essas questões. Percebo uma reafirmação do machismo pelos meninos, em que eles questionam o tempo todo o modo de ser das meninas. Demonstram seu poder, saber matemático e às vezes desrespeitando as meninas dizendo-se serem mais fortes do que elas, tanto nos estudos quanto na força física. As meninas choram e, às vezes, concordam com os meninos, parecem não saber argumentar e se posicionarem a seu favor.

Observei se essas meninas queriam ser princesas e se há concordância delas com a forma como elas, as princesas, agem, e se terminam por reproduzir as princesas e como isso poderia vir a se intrometer no como elas se veem a si próprias (classe social, aparência física e formas de agir) independente dos estereótipos das princesas. Desenvolvi, portanto, com a turma uma reflexão sobre o papel da mulher na sala de aula, em casa, nas brincadeiras, no refeitório, na escola como um todo. Levei-os a pensar como os meninos poderiam, de alguma forma, entender, equiparar e respeitar as meninas.

O trabalho desenvolvido teve como foco as meninas. Os meninos também fizeram parte das discussões, mas o objetivo principal era atingir as meninas e, apesar do assunto raça ter aparecido durante as minhas intervenções, ele não foi aprofundado durante as discussões com as crianças.

A ideia de problematizar os filmes e as literaturas dos contos de fadas envolve os questionamentos sobre o que é ser mulher dentro da sociedade em que vivemos. Houve uma enorme preocupação em entender os preconceitos embutidos nas literaturas e filmes (que veremos mais adiante), mais especificamente, os que eu trouxe para dentro de sala como objeto de reflexão.

2.1. Do ideal de ser princesa a realidade de ser mulher

A mulher atual apresenta comportamento bem diferente de suas antepassadas. Trabalham fora de casa, desempenham funções que antes, só eram exercidas por homens, podem votar, casar e ou sair de casa sem autorização do pai, mas ainda são discriminadas, desrespeitadas, sofrem violências e são vítimas desse lugar de feminilidade a qual pertencem.

Segundo Guacira Lopes Louro(2007), o homem se reafirma pela literatura, imagens e até pelas próprias mulheres. Eles se dedicam a mostrar sua força de mando, de ações e procuram, a todo tempo, mostrar que a mulher é um ser frágil e incapaz de viver sem um homem a seu lado que a proteja. Essa literatura tão disseminada nos contos de fadas e animações chega bem cedo às crianças. A figura da princesa, mesmo as mais atuais, ainda não rompe com a ideia do sexismo, além de reafirmá-lo em alguma medida.

O movimento feminista da década de 60 procurou quebrar esses estereótipos atribuídos às mulheres como incapazes e submissas, mas o que vemos é uma sociedade ainda machista e intolerante com as mulheres. Quebrar com a ideia do patriarcado ainda é uma luta que está no começo, mesmo havendo se passado mais de 50 anos de ascensão do movimento feminista.

Segundo Bell Hooks(2019), tanto as mulheres quanto os homens sofrem os efeitos do machismo e ambos podem vir a lutar a favor do feminismo . Esse movimento não se trata apenas da emancipação das mulheres dos preconceitos que as vitimizam, mas de uma luta que se materializa em alterações substanciais nas relações entre homens e mulheres, extinguindo as assimetrias de gênero. Para HOOKS, o teor dessa luta já se fazia sentir na crítica às “tendências sexistas em livros infantis” que veiculavam preconceitos e discriminações de gênero.

Para Ângela Davis (2016) as mulheres, em geral, deveriam unir-se em torno a um feminismo como empoderamento das mulheres negras e brancas, independente de classe social ou raça, pois a única saída para um movimento forte seria a união entre as mulheres. Mas, essa unidade era bastante

complexa por lidar com aspectos intrinsecamente marcados pela raça que distinguia e hierarquizava essas mulheres.

Buscar uma unidade exige tratar o conflito causado pelo constante entrave entre a não identificação de uma causa única entre as mulheres. Por isso, foi necessário propor que o movimento feminista deveria focar em situações específicas, mas nunca deveria deixar conscientizar que todas eram mulheres.

O desafio então seria a sonoridade, reafirmar o empoderamento feminino através do reconhecimento da sua identidade, ou seja, o reforço ao respeito e união entre as mulheres, os homens e o fim do sexismo.

Segundo Joice Berth (2018) o termo empoderamento foi criado como forma de representação da conscientização de grupos subalternizados para que pudessem lutar pela sua posição na sociedade. Em especial, a autora cita as mulheres negras invisibilizadas pela sociedade, pois além de negras são mulheres. Apesar de toda visibilidade dada a questão feminina branca, as negras sempre se destacaram pela coragem de se afirmarem diante de tantos apagamentos.

Chamar atenção para igualdade de gênero desloca as crendices e tabus, trazendo questionamentos sobre a naturalização de comportamentos ditos masculinos e femininos. Talvez a grande questão a ser trabalhada sobre o empoderamento, seria criar uma identidade de união entre as mulheres para o fortalecimento dessa parcela da sociedade. Ou, talvez, o trabalho deveria ocorrer primeiro dentro do próprio círculo de mulheres tornando-as conscientes de seus direitos, dispostas a lutar por eles sem reafirmar tabus e crendices.

Muito se avançou, mas ainda, em pleno século XXI, escutamos relatos de mulheres brancas que desejam se separarem com medo de serem assassinadas por eles. E, em contrapartida, as mulheres negras, que, muitas vezes, criam suas filhas sozinhas, além das questões de violência dos parceiros, ainda desejam a visibilidade. Como essas mulheres se veem e como as meninas crianças se identificam com as mulheres ao entorno? A resposta para essa indagação poderia ser um começo para reflexão e transformação de realidades.

A intenção de se combater o sexismo faz com que analisemos a aceção de gênero dentro dos contos de fadas e como eles influenciam a imaginação das crianças. Por que a personagem principal dos contos são as princesas? É uma dicotomia muito interessante, pois apesar de serem protagonistas, elas não conseguem, na maioria dos casos, viverem sem a proteção masculina, seja ela na figura do príncipe, seja na do pai.

Os filmes⁶ tão divulgados pela Wall Disney trazem, mesmo que raramente, a figura negra e indígena para os seus filmes atuais como protagonistas, entretanto, as mulheres brancas, quando protagonistas, são mais “ativas” e responsáveis pelo seu destino.

Assim o movimento feminista trouxe grandes contribuições para a sociedade em si. Talvez seja por isso que há uma preocupação com a divulgação do comportamento feminino dentro dos contos infantis e filmes que o retrata. Cabe neste momento falar um pouco sobre como funciona o aparato cultural, dando enfoque a literatura e filmes, na construção do feminino.

2.2. Gênero e a construção do feminino

Partindo do pressuposto de que o gênero é uma construção cultural podemos dizer que: “não nascemos mulher, nos tornamos mulher” (Simone de Beauvoir- Segundo Sexo). BUTLER(2003)

Essa construção cultural tende a determinar o que vem a ser o natural e o determinado de acordo com a anatomia humana.

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto a biologia é o destino. Neste caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.(BUTLER,2003 p. 26)

Tudo à nossa volta reafirma as posições estáticas do que vem a ser feminino e masculino de maneira que outras formas de existir e de estar no mundo se tornam incômodas.

As meninas são educadas desde muito cedo e de forma arbitrária a se colocarem neste mundo a partir de uma lógica binária e heterocentrada, levadas a se sentirem femininas: aparência, modos de falar e agir a partir de

⁶ Os Filmes dos quais me refiro são os longas infantis: Mulan, Valente, Frozen, Pocarrondas , Moana e a princesa e o sapo.

uma ideia naturalizada de que as mulheres devam ser calmas, meigas e dóceis por serem mães.

Em uma perspectiva de gênero, é necessário deslocarmos essas concepções e ideias pré-concebidas e consideradas naturais.

Ainda que as formas de conceber os processos de construção possam ser (e efetivamente são) distintas, lidar com o conceito de gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e ,obviamente, do masculino.(LOPES, 2007 p.207).

Formas de reafirmar o que vem a ser “feminino” estão em todos os lugares de convivência humana e na escola não seria diferente. Uma das formas de reafirmação desse binarismo seriam a literatura, filmes e imagens divulgados dentro dessa instituição que é a escola. Refletir sobre esses comportamentos adotados como naturais seria uma das formas de se desconstruir toda essa lógica. Pois se acreditamos que esse binarismo é cultural podemos dizer que:

Ainda que a maioria das sociedades tenha estabelecido, ao longo dos séculos, a divisão masculino/feminino como uma divisão fundamental e tenha compreendido tal divisão como relacionada ao corpo, não se segue daí, necessariamente, a conclusão de que as identidades de gênero e sexuais sejam tomadas da mesma forma em qualquer cultura. (LOPES, 2007 p. 207).

Cada cultura tem sua própria organização e mesmo que a nossa nos pareça legítima, não podemos desconsiderar outras formas de organização cultural presentes em outras experiências e vivências sociais.

Assim, trazer uma discussão sobre a organização cultural de cada grupo social e sobre como se dão as formas de dominação que se impõem através da hierarquização das diferenças entre os femininos e os masculinos, é urgente por nos convidar a adotar um novo olhar acerca das narrativas contidas nos contos de fadas e desenhos animados que circulam na sala de aula da Educação Infantil. Entender como funcionam essas literaturas e filmes e seu impacto no imaginário infantil nos fará refletir sobre o uso desses elementos do ambiente escolar.

2.3.A construção identitária de gênero das meninas

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro

lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA,2000, p 97).

Somos seres sociáveis e procuramos nos identificar com outras pessoas. As crianças buscam referências para os padrões de comportamento. As meninas procuram se identificar com as suas mães enquanto os meninos se sentem protegidos por elas.

Estamos a todo o momento tentando nos reafirmar neste mundo buscando algo que nos define. Com as crianças ocorre o mesmo, porém o excesso de informações visuais, juntamente com a ideia de que o imaginário das crianças fala mais alto, fazem das crianças alvo fácil para reafirmação do machismo e patriarcado.

Não é difícil entender o que fazem as crianças se identificarem com as personagens dos filmes infantis e dos contos. Muitas vezes gostam da personagem porque tem cabelos longos, possui aparência aceitável, é forte. Na maioria das vezes, a estética é o fator principal de atração das meninas pelas personagens dos desenhos e ou filmes. Essas meninas veem as figuras que se apresentam unicamente da mesma forma sem nenhum questionamento e começam se comparar com as mesmas.

Chamo mais uma vez atenção especial às princesas da Disney, não há dúvidas quanto a influência dessas princesas no comportamento infantil, em especial, das meninas. Essas personagens estão o tempo todo próximas às crianças, seja no material escolar, seja nas roupas, nas marcas de sapato, nos objetos de uso pessoal, enfim em tudo que está facilmente acessível às crianças. Essas meninas veem nas figuras das princesas uma forma de admiração misturada com desejo.

O mundo imaginário as faz pensar que ao portar um objeto com essas imagens, estariam sendo princesas. Como as princesas estão sempre no centro das narrativas infantis, as meninas se identificam e se acham tão especiais quanto elas.

O modelo feminino e “verdades” que minimizam figura da mulher - a princesa branca de olhos claros, cabelos claros, corpo magro bem definido, delicada, obediente, fiel, honrada - pronta para casar e constituir família com um príncipe branco, rico e de patente.. Princesa que ficará dependente do seu príncipe tanto emocionalmente quanto financeiramente.

Seria uma forma ótima de reafirmação da identidade se não fosse às questões de poder que envolvem a dominação dos corpos. Por trás da princesa estereotipada existe uma intenção de reafirmação do poder masculino, hétero e branco. Cada menina se alimenta dessas imagens e constroem o que acham ser a única verdade existente, sem questionamentos.

O que faz com o que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma de saber, produz discurso. (FOUCAULT,2019, p. 45)

Como bem observa FOUCAULT(2019) há um prazer no discurso, e diria que há uma intenção bem elaborada por trás de cada discurso, que faz com que esse controle dos corpos, observado por Foucault, se perpetue ao longo de todos esses séculos de existência humana.

Há que pensar em atingir o lado oposto desse processo para que se desloque a centralidade do poder. Se as identidades construídas pelas crianças, sobre o que vem a ser mulher, começam desde cedo, reafirmando o machismo e o patriarcado, então, desde cedo, faz-se necessário se pensar em formas de transferência desse poder.

As identidades construídas, sobre gênero, pelas crianças, não precisam ter um único eixo. Devem ser pensadas formas de empoderamento das meninas desde a tenra idade. A começar pelas imagens a que a criança está exposta dando oportunidades para que reflitam sobre as narrativas.

A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença. (SILVA,2000,p 73).

Nesse contexto a linguagem tem um lugar de destaque na formação indeníria ou no deslocamento dessas identidades. A linguagem dentro da escola deveria priorizar o questionamento e a reflexão. Quando se abre

momentos de problematização da linguagem, seja ela visual, oral ou escrita talvez haja um deslocamento de pensamento proposto por Silva.

2.4.Os contos de fadas e o imaginário infantil

Dentro da sala de aula temos propostas de trabalhar com contos de fadas⁷, principalmente para alfabetização das crianças. Aachamos que o encantamento das crianças facilitaria a aprendizagem. E no mundo fora da escola nos deparamos com a mídia voltada para o mundo infantil que reforça, por meio de propagandas, as imagens de princesas.

Mas porque essas imagens dos contos de fadas encantaram e encantam gerações?

Bruno Betttheim (1986) em seu livro intitulado “Psicologia dos contos de fadas” nos explica que esses contos invadem o universo infantil por ser mais compreensível as crianças. São usados como forma de trabalhar valores, culturas e modo de lidar com “desafios” diários. Nas palavras do autor:

O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança- em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente- a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (BETTTHELEIM,1980, p. 19).

Pensando nisso e na capacidade imaginativa das crianças, percebemos que as histórias mexem com as estruturas mais íntimas dos pequenos. Como explica BETTTHELEIM(1980), o conto de fadas, além de encantar, ensina as crianças a lidar com seus medos e frustrações. Para o autor, nos contos de fadas as crianças encontram saídas para os seus medos e frustrações, além de respostas para os conflitos externos. Mexer com a imaginação delas é uma estratégia válida, pois a criança fantasia tudo que existe e constrói um mundo todo seu.

O conto de fadas, a partir de seu começo mundano e simples, arremessa-se em situações fantásticas. Mas por maiores que sejam os desvios - à diferença da mente não instruída da criança, ou de um sonho - o processo da estória não se perde. Tendo levado a criança numa viagem a um mundo fabuloso, no final, o conto devolve a criança à realidade, da forma mais reasseguradora possível. Isto lhe ensina o que mais necessita saber neste estágio de desenvolvimento: que não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine um pouco,

⁷ O conto de fadas originalmente de tradição oral, mais tarde se tornando literatura infantil, tem como a figura mística a fada. São contos que misturam realidade e fantasia e despertam interesses por compartilhar de alguma forma do universo imaginário das crianças e adultos.

desde que não permaneçamos presos a ela permanentemente. No final da estória o herói retorna à realidade - uma realidade feliz, mas destituída de mágica.(BETTELHEIM,1980, p.66).

Ao escutar as histórias de princesas, bruxas, fadas, príncipes e tantos mais elementos dessa narrativa a criança começa a se identificar com as personagens. Cada qual a sua maneira vai elaborando uma forma imaginária de se enquadrar naquilo que as atrai mais. Geralmente, as narrativas mais habituais ou mais recorrentes são as que se tornam alvo de desejo. Não se pode negar o poder da linguagem, seja ela visual, oral ou escrita. Nesse ponto, destacamos as imagens dos livros lidos que são ilustrados de acordo com a percepção do ilustrador e que, segundo BETTELLEIM (1980), deixam de oferecer as pessoas que veem essas imagens uma forma própria de criar a personagem a sua maneira. Muitas vezes a imagem não condiz com a que a criança havia imaginado perdendo uma significação pessoal a qual a criança estava vinculada.

BETTELLEIM(1980) ressalta a importância da “contação oral” e da leitura dos livros sem ilustrações, mas ao mesmo tempo, diz que o leitor pede por imagens e se acostume, muitas vezes, que outras pessoas digam ou imaginem por nós. Podemos considerar, de certo modo, as ilustrações como o elemento principal de atração para as crianças.

Entretanto, há outro ponto de vista que se deve levar em consideração .O fato de os contos de fadas encantarem as crianças e ,frequentemente, serem utilizados, para orientá-las e educá-las, inclusive ao promover a naturalização de problemas diários em relação as assimetrias de gênero, raça e sexualidade.

A veiculação de ideologias envolvendo o racismo, a homofobia e o machismo utilizam-se da importância do imaginário infantil e fazem uso dessas narrativas, sem restrições, para reafirmar estereótipos e banalizar problemas sociais presentes em nossa sociedade.

Marilena Chauí (1984) diz que os estereótipos sobre a feminilidade e masculinidade são reforçados nos contos de fadas em que se reiteram as ideias burguesas associadas ao gênero, raça e classe. E, segundo ela, não há dúvida sobre a importância dessas histórias, mas ressalta a necessidade de uma análise crítica dessas narrativas para que questões sobre prazer e formas de lidar com o próprio corpo não sejam deixadas de lado e, o que é pior, não

sejam reforçadas pelos valores transmitidos que terminam por reprimir situações reais dos seres humanos.

Atualmente, as histórias contadas para as crianças estão longe de educá-las com o intuito de resolverem sozinhas os conflitos internos, mais precisamente, os que envolvem as expressões relacionadas a sexualidade e as questões de gênero. Há que se dar importância a problematização das histórias que possam levar a uma reflexão crítica acerca do que elas veem e ouvem.

Não se pode negar que as imagens tomaram conta das nossas vidas e nisso os filmes têm um destaque importante. Sabendo disso e da importância do conto de fadas, a Disney encantou gerações com seus filmes que recontam os clássicos. Essa produção cinematográfica reforça ainda mais ideias como: ideal de corpo, cabelos, comportamentos, papéis de gênero, ignorando conflitos entre o real e o imaginário. Em todos os filmes em que a figura da mulher aparece como protagonista transmite-se a mensagem do que vem a ser o feminino e o masculino e como as relações entre esses dois mundos devem acontecer. A mulher é dada a “oportunidade” de conhecer o homem ideal e ela deve desprezar ou se ‘beneficiar’ com essa “oportunidade”. Não há outras opções aceitáveis de relacionamentos.

Ao transmitir essas mensagens as produções cinematográficas parecem não se preocupar com as representações regionais de cada povo e cultura. Quase sempre não se considera o fato de que as nossas crianças não vivem isoladas no mundo e que elas têm, a cada dia, mais informações sobre as culturas globais. Percebemos uma estratégia de dominação que já começa em idades tenras e se reflete na vida adulta.

E, portanto, pressupõe-se que as meninas não sejam consumidoras pacíficas dessas exibições fílmicas ou dos textos e ilustrações em que se narram as histórias de princesas, posto que elas interpretam e significam esse contato.

A questão, então, seria como essas crianças, meninas, começariam a ressignificar suas vidas observando essas imagens. Como elas as perceberiam e, sob que ótica se daria essa compreensão? Quais linguagens e formas de

construir sua identidade seriam acionadas, por elas, frente a exposição de si a essas imagens do feminino?

Assim, por um lado, sabendo da importância da imagem e da literatura, observando os desafios que envolvem o comportamento das meninas e meninos e as referências a que os dois se apoiam, percebemos o quanto as princesas dos filmes da Disney e dos contos de fadas clássicos ainda causam efeitos. Mas, por outro lado, intuimos que essa exposição é também ressignificada pelas crianças que, em alguma medida, atribui sentidos aas imagens e falas, construindo para si uma interpretação pessoal dessas narrativas pretensamente universais.

Como bem explica HOOKS(2019) às crianças precisam desde cedo ter contato com imagens e narrativas que reforcem o pensamento feminista e a reflexão sobre gênero.

A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente por que crenças e identidades ainda estão sendo formadas. E, com muita frequência, os pensamentos retrógrados sobre o gênero continuam sendo a norma dos parquinhos. A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo seu trabalho de criar currículos sem preconceitos. (HOOKS, 2019, p. 46).

O fator determinante para esse plano de ação, portanto, foi a preocupação com as meninas. Elas são alvo dessas imposturas que reforçam os padrões de feminilidade, através das princesas tão amplamente divulgadas, sem considerar a realidade que as crianças vivem. Entendo que as leituras dos contos deveriam ser confrontadas na escola, contribuindo para ajudar essas meninas a perceberem o seu lugar no mundo, posicionando e determinando seu destino sem esperar que a vida se resolva ao encontrar o “príncipe encantado.”

Talvez questionando o comportamento das personagens e comparando com a vida real das pessoas, as crianças possam começar a elaborar um pensamento crítico acerca dos estereótipos e dos condicionamentos aos quais os corpos estão inseridos.

2.5. A história dos contos de fadas e a imagem da mulher

Os contos de fadas possuem grande poder de encantamento e por isso continuam a se propagar com o tempo. Além desse encantamento há intenções explícitas ou implícitas de veicular a figura feminina.

Os contos de fadas surgiram em épocas bem remotas, na Europa. Segundo, Luana Castro, em seu artigo publicado no site Brasil escola⁸, os primeiros contos infantis surgiram no século XVII, na França, organizados pelo poeta e advogado Charles Perrault.

Nessas primeiras histórias como a sociedade europeia via a mulher e a criança sob uma perspectiva dualista em que, por um lado, a figura feminina aparece incorporada em mulheres nobres como nas rainhas, com uma boa ou má índole, ou em uma princesa disponível ao casamento; e, por outro lado, plebeias, mulheres destinadas a fazerem todo o trabalho doméstico e à procriação, mas que poderiam vir a ser cobiçadas pela nobreza.

Havendo, portanto, sob o véu do romantismo, situações de abusos sexuais contra as mulheres protagonistas, como no caso da Bela adormecida que foi estuprada por um príncipe quando estava dormindo e só acordou depois que os filhos gêmeos nasceram⁹. Além do caso de Chapeuzinho Vermelho que se despe de suas vestes e se deita com o lobo que a devora.

Outros contos poderiam ser citados, mas o objetivo aqui seria demonstrar que, de acordo com a época vivida, eram produzidas histórias que retratassem ou ativassem a imaginação da sociedade em questão. A mulher sempre foi o alvo do desejo masculino e por isso deveria ser incentivada a se proteger dos perigos existentes em relação ao sexo. Talvez, por isso, os contos de Perrault tenham explorado ao máximo essas prerrogativas sexuais.

Já século XVIII, a literatura foi difundida pelos irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, na Alemanha. Os contos de Perrault foram recontados para criar uma nova versão voltada à proteção da infância e divulgação da fé cristã, evitando assim, conflitos morais presentes nos velhos contos.

Essas versões são as mais conhecidas atualmente. Nelas a mulher é dócil e frágil, possui pele alva e cabelos lisos e representa a sociedade em que

8 <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>

9 <https://super.abril.com.br/especiais/o-lado-sombrio-dos-contos-de-fadas/>

esses autores nasceram. Essa divulgação aconteceu em forma de livros que traziam ilustrações. BETTELHEIM (1980) já dizia que a ilustração limita a imaginação das crianças à ideia do ilustrador. Para ele os contos clássicos não deveriam ter seus formatos alterados tanto inserindo imagens, quanto por trazer narrativas diferentes das originais.

Nos novos contos, as dos irmãos Grimm, vamos nos ater, como exemplo, a três figuras clássicas conhecidas pelas crianças e adultos: Branca de Neve, Cinderela e A Bela Adormecida. Nesses três contos as mulheres são tidas como adultas e já prontas para se relacionarem com os príncipes. Todas as três personagens estão à procura da felicidade e para isso deveriam ser encontradas por um príncipe rico e poderoso que as levassem e as protegessem de todos os males.

Na história de Branca de neve – em que “seu nome sugere a brancura e pureza da luz forte”, segundo BETTELHEIM (1980), a madrasta vive com medo de perder seu posto de mulher mais linda, persegue a enteada e planeja matá-la. Essa enteada é dócil e servil. Depois aparecem na história os anõesinhos, sete homens dessexualizados, que irão proteger Branca de neve da madrasta má. Enquanto ela faz as atividades domésticas os anõesinhos trabalham em uma mina nas montanhas.

No desenrolar da história aparece finalmente, o príncipe que viaja entre os reinos para salvar Branca de neve do feitiço da madrasta má. Percebemos, através da dependência emocional, a figura feminina sendo construída e reforçada de forma bem sutil na imagem da doce e gentil Branca de Neve.

Outra personagem bem adocicada seria a Cinderela. Ela vive com a madrasta e as três irmãs por parte de pai. Tanto a madrasta quanto as irmãs tem muita inveja de sua beleza e desprezam Cinderela e a fazem de empregada. Apesar de possuir os mesmos direitos que as irmãs, Cinderela vive na cozinha e quando solicitada faz tudo o que é pedido, sem hesitar, atendendo aos comandos das irmãs e da madrasta.

Essa personagem é uma garota branca, cabelos claros, corpo magra e muito delicada. Somente um feitiço poderia fazê-la ir ao baile onde encontraria

o príncipe que a cobiçaria. No final da história, um o príncipe se casa com Cinderela e vivem felizes para sempre.

No caso da Bela adormecida essa se mantém em um sono profundo até que o príncipe a encontra. Esse encontro traz a felicidade ao reino, pois quebra a maldição lançada por malévola.

Ao observarmos essa amostra de contos, vemos que a figura central, a princesa, é sempre paciente e gentil. Traz sempre consigo a imagem do poder masculino a protegê-la, Pois não consegue financeiramente ou emocionalmente se proteger autonomamente dos perigos que a cerca.

Outro ponto a observar é a competição entre as mulheres. Nessas histórias, as mulheres “más” não querem perder o poder da beleza para as personagens principais. Desejam comandar e se beneficiar através da excelência moral das princesas. Há uma competição pela atenção e amor da figura masculina.

Depois das primeiras versões dos contos, foram surgindo outras sempre se adequando à demanda da sociedade. Todas essas histórias da literatura infantil se perpetuaram ao longo dos tempos e ainda hoje, são lidas e contadas para as crianças.

Atualmente, tem se investido massivamente na indústria dos filmes baseados em contos de fadas, na releitura ou no reconto destes. As adaptações são cada vez mais coloridas, chamativas e reforçam, ainda mais, os estereótipos do feminino e masculino. Isso pode ser devido às imagens cinematográficas veiculadas e amplamente comercializadas para o público infantil. Assim há que ter cuidado ao explorá-las:

Essa ausência da consideração artística é grave sobretudo quando consideramos a pasteurização dos contos de fadas por Disney e o surgimento de uma literatura infantil “realista”. (CHAUI, 1984, p. 50).

Atualmente, mochilas, garrafas, bolsinhas de lápis, e outros materiais escolares trazem essas imagens maciças para nossas crianças. E para as meninas as princesas se apresentam com mais intensidade.

Portanto, os filmes se eternizam através da comercialização das imagens difundidas. Como a empresa Walt Disney pode ser considerada a principal

responsável pela criação e divulgação desses filmes. Há que dar, portanto, uma especial atenção a essa indústria cinematográfica.

2.6.A Disney e as Princesas

Os filmes da empresa Walt Disney vem sendo acompanhados por pessoas de várias gerações . Algumas dessas histórias apresentam narrativas de princesas que encantam e divertem crianças, jovens e adultos.

A maioria das crianças agora conhece os contos de fadas só em versões amesquinhas e simplificadas, que amortecem os significados e roubam-nas de todo o significado mais profundo - versões como as dos filmes e espetáculos de TV, onde os contos de fadas são transformados em diversão vazia. (BETTLHEIM,1980,p. 32).

Lançamentos de filmes e séries são constantes e o público brasileiro os acompanha e os divulga à medida que os vê.

Essa empresa cumpre seu papel de divulgação da cultura americana e segue a tendência mundial sobre as transformações do papel da mulher na sociedade. O grande problema é que, apesar das narrativas dos filmes de princesas terem se organizado para atender ao emergente papel feminino no mundo, os filmes carregam em si o poder imperialista, patriarcal, hétero e branco; e, nem de longe, conseguem quebrar, se é que queriam, essa cultura patriarcal. O que vemos é o reforço para a delimitação de papéis tanto feminino, quanto masculinos. A mulher, magra, branca, cabelos lisos, penteados, doce e bem alinhada parece controlar seu destino quando, na verdade, apenas reproduz a lógica machista de estereótipos de beleza. Participamos de uma sociedade que ainda acredita que o valor da imagem ainda está acima do valor pessoal.

Como toda empresa, a Walt Disney sabe como o mercado funciona e garante o lucro usando temas atuais como pano de fundo.

Esses filmes não retratam nem de longe a realidade brasileira. Não somos uma país monárquico e nem possuímos reinos. Sem contar que somos um país da América Latina. Portanto temos características físicas e culturais bem diferentes das princesas Disney.

Como todos os países que sofreram a colonização, essa se reflete e nosas mentes e corpos. Desvalorizamos nossa cultura, nossos povos, nossa

língua, nossas capacidades. O que é dito civilizado está em outro país, e principalmente, nos Estados Unidos que reafirma seu poder de sedução através dos filmes divulgados.

Romper com essa lógica hegemônica, ou seja, com esse poder de um povo sobre outro, de um país sobre o outro, pode e deve começar com a problematização dos filmes e animações levados para dentro da sala de aula.

Há de ter um cuidado com a exibição desses filmes e com a literatura levadas para dentro da sala de aula, principalmente, em uma escola pública, em que, na maioria dos casos, é o único lugar em que as crianças tem contato com esse tipo de material.

Partindo do pressuposto de que as identidades não são fixas e em busca da construção de novas práticas pedagógicas que desconstruam a expectativa em relação às princesas, busquei ações que refletissem os papéis assumidos pela mulher na sociedade atual. Ao observar que o currículo não propicia a formação de uma mentalidade crítica e a construção de uma igualdade de gênero, desenvolvi atividades que oportunizassem as meninas a pensarem acerca de suas possibilidades na sociedade em que vivem.

3. TRABALHO DE REFLEXÃO COM AS CRIANÇAS: METODOLOGIA

Esta pesquisa possui um caráter etnográfico e procurou, a todo o momento, permitir que o olhar apurado da pesquisadora não se confundisse com as vivências e saberes da professora. Buscou-se, então, produzir uma investigação uma investigação e uma docência marcadas pelo prazer em ensinar, observar e aprender.

Esta busca de referências na etnografia se assenta na percepção de que pesquisar a própria prática exige um esforço de afastamento de uma rotina docente já bastante naturalizada pelos anos de exercício profissional.

A partir da proposição de que é necessário “o exótico em familiar e o familiar em exótico” (DA MATTA, 1978, 29), busquei perceber como em minhas rotinas de trabalho davam-se as interações entre as crianças e delas para comigo a partir de um olhar generificado do que seja ser menino e menina.

Pois, como nos diz Gilberto Velho:

Assim, volto ao problema de Da Matta, para sugerir certas complicações. O que sempre *vemos e encontramos* pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecimento* e o que não *vemos e encontramos* pode ser exótico, mas, até certo ponto, *conhecido*. (VELHO, 1978, p.39)

Ou seja, conhecer minhas alunas, as relações entre elas, como expressam masculinidades e feminilidades e, principalmente, como as meninas da sala se veem tornou-se o centro aglutinador de minha metodologia. Essas análises tiveram como contraponto os contos infantis e as princesas que compõem essas narrativas.

Busquei, portanto, organizar meu olhar para compreender como essas crianças interagiam entre si, que universo elas partilhavam na nomeação de suas autopercepções como meninos e meninas e como nessas imagens a figura das princesas poderia ser caracterizada.

Reconhecer na prática familiar, buscando nela o que se apresenta como exótico, exigiu-me estar atento ao que se passava na sala de aula, portanto, fez-me aprimorar as observações realizadas em sala, confeccionar um diário de campo a partir dessas observações e fazer uso de registros de áudio e de

imagens para facilitar a análise e extrair dessas observações um conhecimento sobre essas dimensões aqui expressas.¹⁰

Para melhor confecção de um diário de campo, propus um conjunto de atividades que tinham como intenção pautar essa conversa entre as crianças para que pudéssemos discutir as questões aqui apontadas.

Foi proposto, primeiramente, uma roda de conversa para que as crianças revelassem o que deveriam fazer para serem princesa ou se já se consideravam princesas. Perguntas como: O que acontece com as princesas nos contos de fadas? Como vocês sabem quem é a princesa? Vocês querem ser princesas? Por quê? Como você seria se fosse princesa? Alguma vez você foi chamada de princesa/príncipe ou ouviu alguém falando isso para outra pessoa? Como é o príncipe dos contos de fadas? Para que as princesas nascem? Existem princesas “de verdade”? Por que elas são princesas? Analisando as respostas dos meninos e meninas pedi-eles que levassem na aula seguinte imagens de princesas para confecção de um painel.

A partir dessas imagens elaborei um de mural. Pedi, então, às alunas para escreverem as características físicas de cada princesa encontrada. Essas características foram colocadas abaixo de cada imagem afixada. As crianças observaram e relataram o que viram. Percebi que as crianças levantaram apontamentos de aparência, beleza, sem problematizar as características em que essa beleza se expressa como a cor da pele, textura de cabelos e posição social. Essa estética se encontrava naturalizada entre elas, era como se a beleza apresentada fosse reconhecida como legítima pelas meninas.

Problematizei perguntando se algumas das alunas se viam parecidas com aquelas imagens. O resultado foi surpreendente: As crianças disseram que se pareciam com a princesa e somente uma disse que elas não tinham a cor da pele e nem cabelos parecidos com figura em exposição.

Trabalhei com a problemática do uso da cor rosa tão em uso para as princesas do conto de fadas e com a cor de pele. Levei as tintas de cores branca, preta, azul e rosa e perguntei as crianças o que pensavam sobre o uso

¹⁰ Houve o cuidado de preservar o anonimato das crianças em suas falas e imagens através do uso de pseudônimos.

dessas cores. Questionaram se não poderiam usar outras cores ao não ser as disponibilizadas. Disse que só havia aquelas. Fiz, em seguida, uma pesquisa sobre as cores que as crianças mais gostavam. Elas disseram azul e rosa,. Pedi a todas as crianças que pintassem um desenho usando a cor de que mais gostam (somente ela). Durante as pinturas observei a reação das crianças em usarem uma única cor. Elas se sentiram incomodadas com o uso da mesma cor, mostraram certa aversão pelos desenhos, que estavam pintando. Enquanto os desenhos secavam, pedi às crianças que imaginassem o mundo somente com as cores de que mais gostam. Perguntei o que achavam e eles me disseram que os desenhos seriam mais “alegres” se fossem coloridos.

Entreguei as crianças outra imagem, agora de uma princesa, e pedi que pintassem sua pele de preto e seu vestido da cor que mais gostavam. Observei a reação das crianças em relação ao que foi proposto. Os meninos reagiram negativamente dizendo que pintar princesas era coisa de meninas. As crianças pareciam um pouco incomodadas por terem que utilizar somente a cor preta para pintar a pele da figura dizendo que os olhos e a boca não iriam aparecer. No final de ambos os trabalhos, coloquei somente os de uma única cor na parede e perguntei o que acharam. As crianças foram questionadas sobre o uso das cores e qual sua impressão sobre elas . se existem cores determinadas para homens e para mulheres e se ambos os gêneros poderiam usar as mesmas cores.

No início dos trabalhos, as crianças disseram que homem não poderia usar a cor rosa. Duas alunas disseram que não havia problema algum em utilizá-la, pois seus pais a usavam. Algumas alunas disseram ser “de costume” as meninas usarem rosa.

Em um outro momento, propus as crianças assistirem aos filmes “Mulan” e “Valente” que narram as histórias de mulheres/princesas que decidiram, segundo a “lógica” da atualidade a qual a mulher está inserida ,a terem comportamentos diferentes daqueles propostos para elas na sociedade em que viviam. Antes de passar os filmes, promovi uma roda de conversa com as crianças na qual perguntei se conheciam ou não os filmes. Para as crianças que haviam assistido, perguntei se gostaram ou não e por que, e o que pensam das atitudes das meninas do filme. Promovi um debate após a exibição do filme

onde as crianças defendiam ou não as personagens, se seriam ou não iguais a elas e por quê. Propus um trabalho oral e escrito, comparando as duas personagens: diferenças e semelhanças. Dei especial atenção às respostas dos meninos.

Figura 1: Atividade de alfabetização voltada à discussão do papel feminino

PREFEITURA BELO HORIZONTE ESCOLA MUNICIPAL GERALDO TEIXEIRA DA COSTA

NOME: _____ TURMA: _____ DATA: _____

1) Você gostou do filme? Por quê?
ela me fez uma menina
que eu queria ser
porque ela não era
ral

2) Por que Mulan foi para o exército?
porque ela não
queria ser
mulher

Qual a parte do filme você mais gostou?
quando a mulan ela
cortou a escada e
alavancou

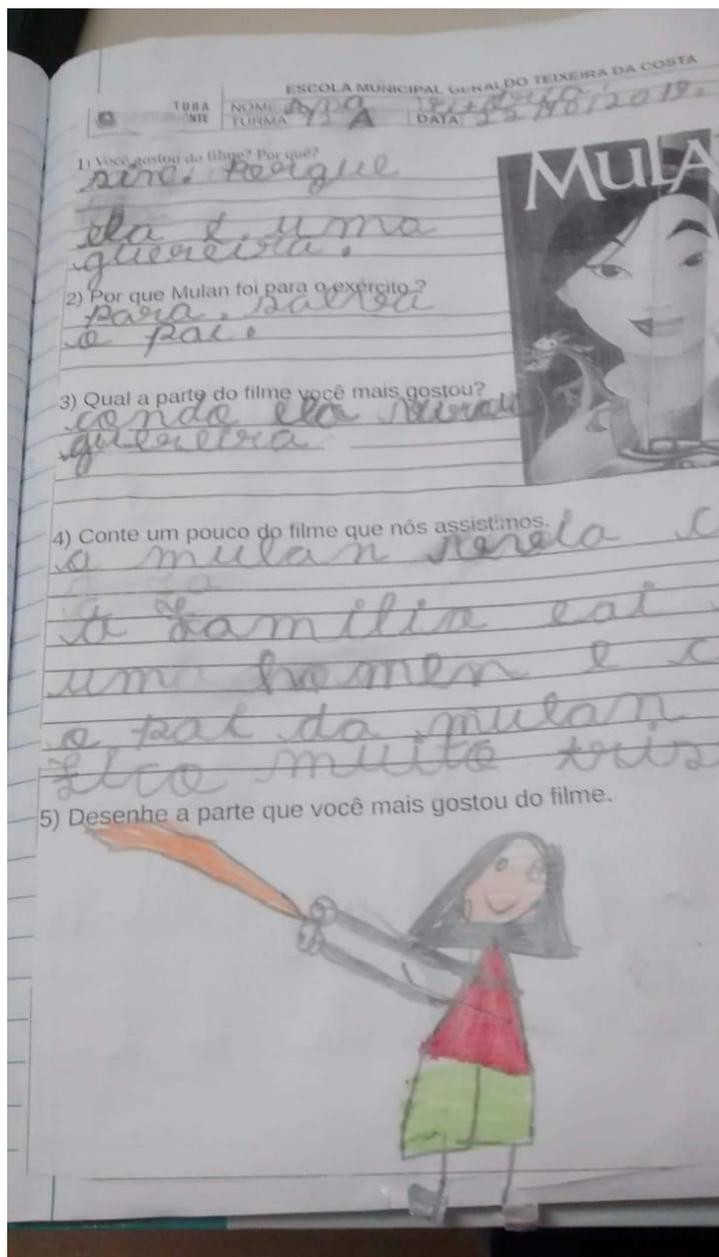
Conte um pouco do filme que nós assistimos.
a mulan cortou a escada e
foi para o exército
e chegou a batalha e
namorou a si mesma para a luta.

Desenhe a parte que você mais gostou do filme.



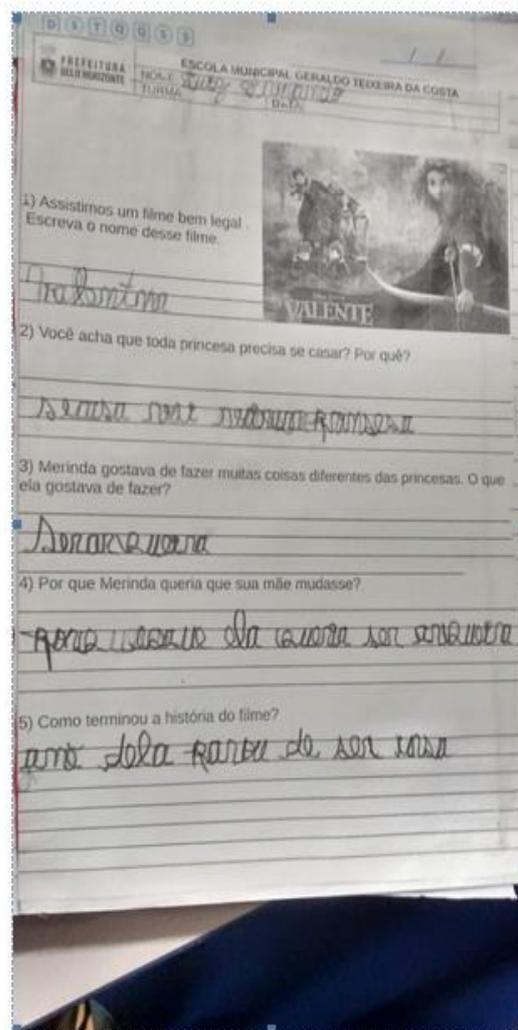
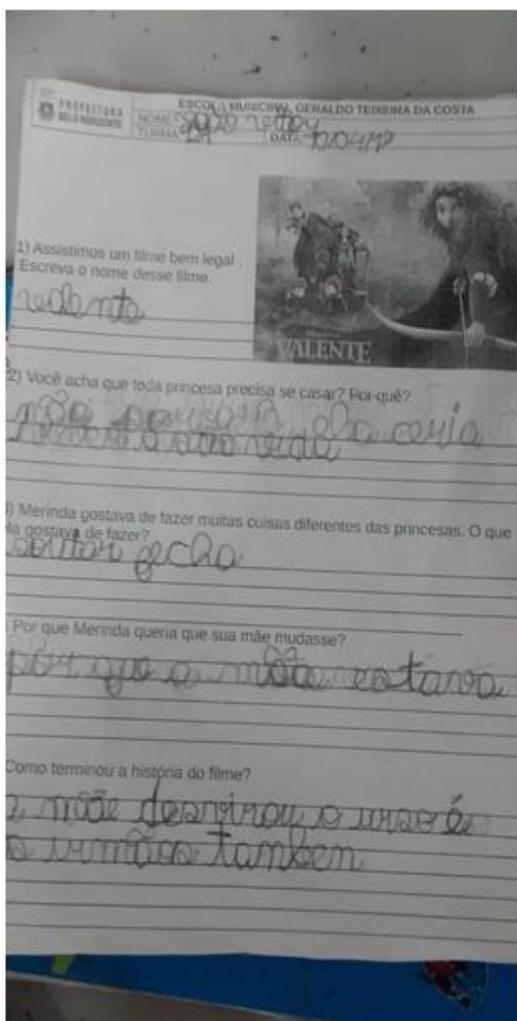
.Fonte: Arquivo da turma

Figura 2: Opinião de uma menina



Fonte: Acervo da turma

Figura 3: Escrita das crianças da sala



Fonte: Acervo da turma

Li histórias para as crianças onde aparecem princesas diferentes das histórias tradicionais com finais felizes ou não. Dei enfoque às histórias: “As princesas também soltam pum”, “Porque só as princesas se dão bem”; “A princesa e a ervilha”, “Malala, a menina que queria ir para a escola”, “Cinderela e Chico Rei”, “Minha princesa africana” e “A pior princesa do mundo”. Promovi um debate sobre as leituras e perguntei sobre o papel das princesas em cada uma delas fazendo comparando –as entre si.

Apresentei às crianças a história de Frida e Malala. Mulheres que fizeram a diferença e deixaram marcas de questionamentos envolvendo gênero e as relações de poder. Adaptei as histórias procurando torná-las mais acessíveis às crianças, sem, contudo, tirar a essência das histórias lidas.

Enfim, a todo o momento, durante a execução deste trabalho, procurei trazer para dentro da sala de aula momentos em que o diálogo e a reflexão pudessem levar as crianças a uma análise do que é considerado natural. Segue abaixo alguns relatos de práticas desenvolvidas.

4. PREPARANDO TERRENO PARA INTERVENÇÃO

Em minha prática, geralmente, inicio o ano orientando as crianças na organização do material escolar, definindo quais cadernos utilizar, nomeando as disciplinas desses cadernos e identificando-os com textos e desenhos.

Elas retornaram das férias de janeiro com seus materiais escolares novos e como sempre estereotipados: traziam imagens coloridas de figuras femininas e masculinas bem definidas e nos padrões hétero e branco. Apesar de ter observado os materiais das crianças não levantei a respeito deles nenhum questionamento.

Como observava que as crianças tinham muito interesse nesses desenhos envolvendo princesas e super-heróis, resolvi pesquisar na mídia imagens que contemplassem, preferencialmente, personagens femininos e negros. Reproduzi essas figuras para que as crianças pudessem colori-las. A reação delas foi a de colorir todos com a pele clara e cabelos loiros. Expliquei que, pelas características desses personagens, também poderiam ter cabelos negros e pele escura. Minha preocupação inicial era enfatizar a figura feminina e possíveis estereótipos como a cor e tipos físicos.

Assim, desde o mês de fevereiro de 2019, fui procurando chamar a atenção das crianças para a figura feminina através de atividades e diálogos.

A seguir apresento algumas destas atividades.

4.1.O baile de carnaval

Na reunião pedagógica do primeiro ciclo, discutimos sobre o tema do desfile de Carnaval. Foram propostas duas músicas: “Ela deu um nó no meu coração”¹¹ e um samba enredo “Agora chegou a vez vou cantar: mulher Brasileira em Primeiro Lugar”¹². A letra da primeira música é sobre um amor de carnaval entre o Cebolinha e a Mônica. Cebolinha vai a um baile e vê a Mônica dançando. Apesar de expressar seu amor por ela, ele faz referências nada românticas a Mônica, comparando-a a uma baleia ou a ao elefante Jotalhão.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=Im5mQIN7VAw-> Vídeo facilmente encontrado no Youtube.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=qWFLEdVvuJk>. Vídeo com o clipe da música.

Já a letra de carnaval da Escola de Samba Mangueira exalta a figura da mulher brasileira. Na discussão com as professoras sobre qual das duas músicas iríamos trabalhar em sala, fui a única a questionar a letra da marchinha “Ela deu um nó no meu coração”. Em contrapartida, as minhas colegas disseram que os alunos não entenderiam a letra do samba enredo.

Argumentei que poderíamos dar enfoque apenas ao refrão e ainda falei sobre o preconceito contra a mulher reafirmado na letra da marchinha em que a Mônica era chamada de “gorducha” e confundida com um elefante. No entanto, as colegas afirmaram que a letra era inocente. No dia do desfile de carnaval somente minha turma desfilou com o samba-enredo da Mangueira,

Em sala, reproduzi as duas músicas e pedi aos alunos que as escutassem prestando atenção à letra das canções. Levantei as questões sobre o corpo e a imagem da mulher nas duas canções ouvidas. As crianças disseram que a música da Mônica era mais “bonitinha” e que a outra elas não conseguiram ouvir direito. Passei duas frases no quadro: “Agora chegou a vez vou cantar: mulher brasileira em primeiro lugar” e “ não sei se é paixão, não sei se é amor só sei que a gorducha tocou meu coração.” Li com as crianças as frases e questionei o que perceberam. As crianças então começaram a dizer que o Cebolinha não poderia dizer aquilo da Mônica. Ao final da reflexão sobre as partes das músicas as crianças aceitaram desfilarem com o samba-enredo da Mangueira.

Além da escolha da música, resolvi trabalhar elementos do figurino das crianças para o baile. Pedi aos alunos e alunas que trouxessem a foto da mulher mais importante da vida deles. Todos trouxeram as fotos das mães. Digitalizei todas as fotos e as imprimi em preto e branco. Recortei todas e coleí em um círculo. Fiz uma faixa de cetim e coloquei atravessada no peito dos alunos no dia do desfile.

Fiz coroas em forma de asas tanto para os meninos quanto para as meninas. Pedi as funcionárias e professoras da escola que me enviassem fotos de seu rosto e construí com as crianças um *standard* com os dizeres ‘ “Mulheres Empoderadas”. Desfilamos segurando o *standard* ao som do enredo de carnaval da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, “Mulher Brasileira em Primeiro Lugar”, já que eu me recusei a desfilarem com a música da

Turma da Mônica. Além da faixa e das coroas, as meninas se fantasiaram de princesas e os meninos de super-heróis .

Nesse dia eu fui fantasiada de Frida Kahlo. As crianças ficaram espantadas e algumas perguntaram se estava fantasiada de mexicana. Disse que sim e que eu, naquele momento, representava uma céebre pintora, que foi uma mulher muito poderosa e que lutou contra algumas imposições da sociedade. Disse-lhes que Frida se tornou inesquecível tanto pelas suas obras quanto pelo papel que representou. As crianças ficaram curiosas e mostrei-lhes algumas pinturas da artista que acessei no Google do meu celular. Fiquei imaginando como as crianças entenderam ou processaram as informações sobre Frida. Em outra ocasião li para elas o livro “Frida Kahlo para meninas e meninos”. A maioria dos professores da escola reconheceram a fantasia e duas professoras do primeiro ciclo não sabiam do que se tratava.

Figura 4: Baile de carnaval



Fonte: Acervo da turma

Minha intenção era valorizar a mulher dentro da escola, tanto como professora, como aluna ou como mãe. As crianças se divertiram bastante e houve um impacto positivo quando todos puderam ver os rostos das mulheres

que ali trabalham estampados no *standard* da turma. Atualmente, ele encontra-se afixado na porta da sala dos professores.

Figura 5: Baile de carnaval



Fonte: Arquivo da turma

4.2. Meninos e meninas, bonecas e carrinhos

Dias depois, conversei com as alunas e os alunos sobre o desfile e perguntei a cada criança por que se fantasiara daquela forma. Cada um se justificou dizendo que gostam da personagem e se sentiam como tal. Perguntei a duas alunas em especial de quê estavam fantasiadas. Marina, negra, disse que era a princesa do filme “A Princesa e o Sapo” e Luana, branca, era Cinderela. Duas alunas negras estavam fantasiadas de Moama. E os meninos, tanto os brancos quanto os negros, de personagens da Marvel.

Nesse mesmo dia, as crianças brincaram com os brinquedos que haviam levado e, como de costume, os alunos levaram bonecos e carrinhos enquanto as meninas levaram bonecas. Uma das meninas reclamou que o coleguinha havia pego sua boneca e estava indignada. Parei a brincadeira e fui conversar com todos sobre os brinquedos.

Por que as meninas brincam de boneca e os meninos de carrinho?

Joaquim: É por causa do gênero meninas e meninos.

Eu: quem define isso?

Todos: a família

Catarina: o Deus.

Carlos: Meninos não podem brincar com bonecas, não, é coisa de meninas.

Eu: por que as meninas brincam de boneca?

Debora: porque elas pensam que são as filhas delas.

Catarina: pra fazer carinho e fingir que é neném de verdade.

Eu: e os meninos, quando crescerem, vão ajudar a cuidar dos filhos?

Todos: sim!

Eu: então eles também podem brincar de boneca?

Deise: na UMEI que estudava, um aluno levava nossas bonecas para passear.

Eu: E se o menino brincar de boneca vai deixar de ser menino?

Branco: Ele pode virar gay. (risos)

Eu: Mas ele vai deixar de ser do sexo masculino?

Nessa hora as crianças ficaram agitadas, pois eu tinha dito a palavra "sexo". Expliquei que estava falando sobre o sexo masculino (homem) e feminino (mulher).

Branco: não! Meu pai troca fralda da minha irmãzinha e cuida de mim. Nós não viramos mulherzinha.

A conversa termina quando o alvoroço causado pela palavra "sexo" deixaram as crianças muito agitadas.

Pelo diálogo acima percebemos que as crianças já haviam escutado a palavra gênero e provavelmente, algumas já haviam discutido o papel do homem e da mulher nas relações com os brinquedos e, mesmo assim, traziam em si a cultura do que a sociedade define como normal.

A perspectiva sociocultural permite centrarmos nosso olhar nas formas de controle do corpo infantil, um processo social e culturalmente determinado, permeado por formas sutis, muitas vezes não percebidas.(VIANA e FINCO, p. 268).

O fato da palavra sexo ter causado tanto espanto pode estar relacionado ao proibido, ao impuro e à maneira em que o tema é ou não abordado pelos os pais e a sociedade. Conforme salienta Marilena Chaui, tudo começa com o pecado original descrito na Bíblia :

O sexo é mal porque é "finito" pois representa a perpetuação da espécie humana e sobre ele recai vários tabus que envolvem separação de Deus, descobrir a morte e a dor, conhecer a carência e a falta.(CHAUI,1984, p.87).

Mesmo com esse entendimento, não achei oportuno realizar com as crianças intervenções a respeito do tema. Apesar de saber de sua necessidade, não me senti devidamente preparada para essa abordagem.

4.3.Dia internacional das mulheres

No mês de março de 2019, propus às crianças uma conversa sobre a mulher e sua importância na família. Elas disseram que as mães trabalham fora de casa, em escritórios, arrumando casas, costurando, vendendo coisas, trabalham em escolas, fazendo salgados e algumas disseram não saber o que as mães faziam. Em seguida convidei os alunos e alunas que fizessem um desenho que retratasse a mulher sendo o “que ela quisesse ser”. Colocamos os desenhos em um painel com o título: “Mulheres que têm asas podem voar”. Meninos e meninas se envolveram muito na atividade e mostraram empolgação com o resultado final.

Figura 6: Painel elaborado pelas crianças



Fonte: Arquivo da turma

Analisando essas imagens, vemos as mulheres inseridas em diferentes atividades como: jogando futebol, na profissão de policial, andando de skate, cuidando da casa, trabalhando em escritórios, malabarista de circo e princesas

Comecei uma conversa com os alunos sobre a importância da mulher no mundo. Perguntei às crianças por que a mulher seria importante e qual seria o papel dos homens nesse contexto. Todos disseram que a mulher sofre muito e uma aluna disse ver nos jornais todos os dias mulheres que apanham ou são mortas por um homem. Um menino disse que os homens sofrem porque as meninas não dão “bola” para eles. Perguntei se os outros colegas e outras

alunas, concordavam com ele e algumas meninas disseram que sim. Perguntei por que e eles reafirmaram o que o colega havia dito anteriormente.

Leonardo: Os meninos sofrem mais porque as meninas não dão bola pra eles.

Eu : vocês concordam com ele?

As meninas no geral: simmmmmmm!

Dalva: eu não, as mulheres sofrem mais. Todos os dias a gente vê notícias de mulheres que foram machucadas.

A turma ficou muito pensativa.

Pela afirmação do aluno fica evidente a carência e o sentimento de posse dos meninos em relação às mulheres. O motivo do sofrimento dos meninos seria a desatenção das meninas. Esse aluno presenciou recentemente a separação dos pais. Disse que o pai estava sofrendo muito a falta da esposa. Outro fato que me chamou atenção foi a grande maioria das meninas terem concordado com a afirmação do aluno.

Dando continuidade a essa atividade expliquei como o Dia Internacional das Mulheres foi criado e um aluno me perguntou por que não havia o dia dos homens. Apresentei às crianças alguns exemplos da condição em que as mulheres vivem em sociedade caracterizada pela sobrecarga de funções, pela diferença salarial entre homens e mulheres, por serem vítimas de violência doméstica e pela sua desvalorização social em relação ao homem.

4.4. Conversa com o aluno Branco.

Em outro momento, li para as crianças “Cinderela e Chico Rei”, um livro que conta a história de uma menina negra chamada Cinderela. Ela tinha uma vida bem parecida com a Cinderela do conto clássico dos irmãos Grimm. No final da história, encontra um rapaz negro que a conduzirá para o altar, tirando-a da vida de sofrimento e angústia. Perguntei às crianças como imaginavam essa Cinderela - não havia mostrado as ilustrações. Alguns disseram que era branca, loira e de olhos claros, outras, mais atentas a leitura, disseram ser negra.

Branco: acho mulher negra muito bonita porque se parece com chocolate e eu adoro chocolate! hummmmm passando a língua nos lábios e olhando para uma aluna negra que senta logo à frente.

Não conversei com o aluno neste momento. Quando a turma foi para a Educação Física, conversei com Branco separadamente e falei que a sua colega não era um chocolate e que ele tinha que respeitar a coleguinha. Perguntei a ele por que ele havia feito a comparação, mas ele nada disse, enquanto olhava pra mim com cara de assustado, receoso, e me dizia que ele gosta de chocolate e que na família dele também tem negro - nesse momento ele começa a justificar o seu preconceito.

Falei que as meninas não eram objeto e nem tão pouco chocolate, e que não estavam ali para pedir que gostassem delas. Elas exigem respeito e que as trate como pessoas e não como chocolates. Perguntei se ele queria falar alguma coisa, mas ele disse que não. Esse aluno, geralmente, apresentava comportamentos abusivos em relação às meninas.

4.5.Mais livros mais literatura

Todas as segundas-feiras destinava um momento para leitura e para reflexão dos textos lidos.

O primeiro livro lido foi “Até as princesas soltam pum.”

Nessa história, um pai muito dedicado começa a ler livros secretos das princesas. A filha, então, uma criança, acha muito estranho toda aquela história das princesas refinadas que se pareciam com gente comum. As crianças ouviram atentamente.

No final da leitura, perguntei aos alunos o que achavam da história e prontamente as crianças, principalmente, as meninas começaram a se identificar e falar que era muito normal soltar pum. Foi um momento de muita descontração. A maioria das crianças haviam participado com risos, atenção e comentários. Logo depois da conversa, sugeri que fizéssemos um teatro onde um menino da sala seria o pai que conta a história e a menina seria a filha. Houve agitação e poucos meninos se prontificaram a assumir o papel de pai. Já as meninas foram mais solícitas. Realizamos um ensaio e recriamos as cenas do livro. As falas das crianças ficaram muito engraçadas

A próxima leitura foi Cinderela. Como já era uma leitura conhecida das crianças muitas se manifestaram dizendo algumas partes da história. Perguntei às crianças o que acharam da história lida e elas se manifestaram sem muita

empolgação. Chamei atenção para a figura da cinderela e as crianças não levantaram nenhuma questão a respeito da personagem. Então ponderei com as crianças sobre o comportamento da personagem e elas disseram que havia uma injustiça com Cinderela, pois trabalhava demais.

A próxima leitura foi “Malala”, a menina que queria ir para a escola. Como o livro apresentava uma linguagem mais difícil para as crianças, fui adaptando a leitura. Uma aluna disse que havia visto uma reportagem que falava da Malala. Ela contou que a história era real e que essa menina existia, era árabe, Ela disse ainda que achava muito estranho uma menina não poder ir para a escola. Que não era justo.

Expliquei a eles que, pela tradição daquele país onde ela vivia as mulheres não tinham o direito de irem à escola. A sala ficou em pavorosa. Um aluno se manifestou dizendo que queria ser a menina e não ter obrigação de ir para a escola. Expliquei para as crianças a importância da coragem de uma mulher tão jovem enfrentar o sistema tradicional do seu país.

Na sequência li o livro “Frida Kahlo para meninas e meninos”. As crianças escutaram atentamente a história e se lembraram de que no carnaval eu havia me fantasiado de Frida. Contei a eles que a personagem sofreu muito por ser mulher e ficou famosa ao retratar a si mesma nas pinturas que fazia. Busquei algumas imagens dos seus quadros no meu aparelho celular e mostrei às crianças. Elas acharam os desenhos muito estranhos.

A penúltima história dessa sequência a ser lida foi “A princesa e a ervilha”. Nessa história, a jovem princesa negra¹³ passa por um teste de comprovação da sua autenticidade como princesa. Passa a noite em cima de vários colchões. Debaixo deles havia uma ervilha. No dia seguinte, a princesa relata que sentiu algo estranho que a incomodou. A mãe do príncipe então confirma a autenticidade da princesa. Príncipe e princesa se casam.

Comentamos sobre a história lida e propus às crianças que respondessem uma atividade relacionada a essa história e a história da Cinderela. Queria saber se as crianças conseguiriam escrever as características das

¹³ Essa narrativa em que a princesa é negra é um conto em que, originalmente, a princesa é branca e foi publicado, pela primeira vez, em 8 de maio de 1835 por Hans Christian Andersen

personagens. Como é uma turma em processo de alfabetização, poucas crianças conseguiram escrever o que pensavam. Consegui notar nas escritas o foco das crianças na cor da pele, tipo de cabelos e uso de vestidos, ou seja, nenhuma característica emocional e comportamental foi associada às personagens.

E, finalmente, li a história “A pior Princesa do mundo”. Esse livro retrata a história de uma princesa que estava cansada da rotina de seu castelo e buscava aventuras. Quando o príncipe aparece, ela supõe que seus problemas estariam resolvidos, mas isso não ocorre. O príncipe a coloca em outro castelo. Apesar de o príncipe oferecer várias coisas para a princesa, ela não se sente realizada. Então conhece um dragão que a ajuda a se livrar do príncipe, do castelo e a leva finalmente para as aventuras desejadas. Fiz com as crianças uma intervenção da leitura em que questionava porque a princesa era a pior princesa do mundo. As crianças disseram que ela estava certa e que realmente era muito chato ficar só dentro de castelos.

4.6. A construção da autoimagem das crianças e exibição dos filmes

Pensando na importância da valorização da auto imagem trabalhei com as crianças o autorretrato. Providenciei um giz de cera que traz cores referenciadas em diferentes tons de pele. Foi feito um trabalho de auto reconhecimento e identificação do giz que retratasse a cor da pele de cada um. Conversei com os alunos sobre algumas frases de incentivo a autoimagem: “Eu sou linda, quero tudo de melhor pra mim, desejo tudo de bom pra mim” e “Eu sou muito linda, eu gosto muito de mim”. Cada criança fez seu autorretrato. Pedi a elas que se olhassem no espelho e reparassem cada detalhe dos olhos, orelhas, nariz, boca, cor da pele, dos olhos e as cores que mais gostavam.

Passei de carteira em carteira observando a construção dos desenhos e distribuindo o lápis que se assemelhava mais a cor da pele de cada um. Pedi que olhassem qual cor se parecia mais com a deles. Alguns disseram não encontrar a cor, outros pediram ajuda para identificar a cor e outros já haviam identificado sozinhos.

Pedi que fizessem os desenhos no caderno e colorissem o desenho de acordo com suas características físicas. Os alunos e as alunas gostaram

bastante e até os mais resistentes aderiram à ideia. Eles mostraram os desenhos para os colegas e vi um a um dos trabalhos concluídos. Cada criança escreveu, com meu auxílio, as frases de autoestima.

Neste mesmo mês, fiz a exibição do filme “Valente”. O longa conta a história de uma princesa de cabelos vermelhos e olhos claros que morava com o pai, a mãe e os irmãos. Merida era o nome da princesa que a mãe insistia em colocar limites e modos. O pai de Merida adorava contrariar a esposa e muitas vezes leva a personagem para andar a cavalo e treinar arco e flecha. Um dia antes da exibição do filme, conversei com as crianças, pois queria saber se elas conheciam a história e se sabiam do que se tratava.

Os alunos não falaram muito sobre o filme. Disse a eles que prestassem bastante atenção no filme porque iríamos fazer sobre ele uma atividade. Os alunos assistiram atentamente ao filme e gostaram bastante, apesar de muitos já terem visto anteriormente. Durante a exibição do filme, houve uma cena em que os irmãos da personagem principal, Merida, pegam as chaves do quarto onde ela está presa. A chave se encontrava entre os seios da cozinheira/arrumadeira. Meu aluno então diz:

Isso é sexo oral professora! - risos e inquietação da turma.

Todas as crianças ficaram incomodadas com a cena. Custei a fazer com que se concentrassem no filme novamente. Estava observando os cochichos e a atenção dos alunos ao ver o filme. Anotei algumas partes do filme, pois iria fazer perguntas sobre ele. Depois da exibição, fiz a rodinha de conversa e perguntei sobre as cenas que reportavam ao comportamento da “Merida”, sobre seu desejo de não querer se casar, sobre as atividades que ela participava e como era o seu relacionamento com a mãe, pai e irmãos. Perguntei se os pais da “Merida” tinham a mesma postura com os filhos menores. As crianças haviam gostado do filme e responderam a todas as minhas perguntas com exatidão. Elaborei uma atividade com as imagens do filme e algumas perguntas. Apesar de não estarem ortográficas escreveram com minha ajuda as respostas que queriam.

No final do mês de abril, exibi para as crianças o filme “Mulan”. Esse filme conta a história de uma mulher que decide ir para o combate, na guerra, no lugar do seu pai que estava doente. Para isso, ela se veste de soldado e só é

descoberta após um ferimento. Antes da exibição, conversei com as crianças. Durante a exibição, anotei partes do filme para posterior elaboração da atividade. Pedi que focassem na personagem principal do filme. Os alunos escutaram a palavra “desgraçada” e ficaram alvoroçados. Disseram que era palavrão e era feio. Eles ficaram horrorizados, colocaram a mão na boca e falaram “núuuuuuu!!!!”. Outra cena que causou impacto foi a parte do banho da Mulan.

A personagem tira a roupa para tomar banho e os colegas do exército vêm logo em seguida sem roupas e se atiram no rio. “Mulan”, que já estava na água, fica toda desconcentrada e os alunos começaram a rir e a se espantar com a cena. Preparei atividade escrita sobre o filme. Os alunos responderam e me surpreendi com as partes que mais gostaram, disseram ser a parte que a menina vai para o exército no lugar do pai. Perguntei se ela se tornou homem e os alunos disseram que não. Notei que não houve tanto julgamento em relação a personagem estar vestida de homem e fazer “coisas” de homem”.

A minha intenção em exibir os dois filmes era colocar em evidência o comportamento da mulher, seus desejos e suas capacidades. Mostrar às crianças que não há nada de errado em gostar de coisas diferentes, em ser corajosa, ou não querer se casar. Percebi que as crianças que se consideram brancas se identificaram com as personagens, mas as outras crianças, não. Isso me incomodou bastante. Durante as conversas sobre o filme as meninas negras participavam pouco.

Elaborei o calendário do mês com a figura da “Malala” para reforçar a imagem de mulher corajosa e destemida.

4.7. Preparação para a festividade do mês das mães

Houve uma movimentação da escola com relação ao dia da família que seria comemorado no final do mês maio.

Em sala, tivemos uma conversa sobre o dia das mães e como poderíamos fazer uma homenagem. As crianças sugeriram que fizéssemos cartões para as mães. A escola começou a fazer o movimento de ensaio de apresentações musicais para a festa. Neste mês, as atividades de comparação entre os filmes e as leituras dos livros de princesas foram interrompidas. Final de trimestre,

elaboração de provas e atividades, preocupação com a alfabetização e conteúdos a serem ministrados, interromperam as atividades de comparação dos filmes e as rodinhas de conversa sobre gênero.

Fizemos cartão para as mães. Coloquei sobre a mesa várias cores de papéis e pedi aos alunos que os pegassem. Muitos, inclusive os meninos, pegaram a cor rosa. Um aluno, ao pegar o papel, justificou tratar-se de um cartão para as mães, referindo-se àquela cor como sendo de mulher e evidenciando que não era para ele – o mesmo se deu com a escolha do papel para fazer o envelope para os cartões.

Para enfeitar os corredores no dia da festa da família, pedi aos alunos que desenhasssem situações familiares que os deixavam mais felizes . Primeiramente, fizemos isso em uma folha branca separada. Depois, chamei um por um dos alunos e pedi que fizessem o mesmo desenho na folha de jornal que havia selecionado anteriormente como suporte. A princípio queria matérias sobre mulheres, mas como não encontrei nenhuma, selecionei então as matérias sobre a previdência e sobre economia. Os alunos refizeram os desenhos por cima da matéria do jornal. Coloquei a matéria desenhada em papel cartão e montei um painel para ser exposto no corredor da escola. Minha intenção ao elaborar o painel foi chamar atenção dos adultos que transitariam na escola neste evento. As crianças não perceberam nenhuma ligação entre seus desenhos e as reportagens do jornal, porém havia uma intenção em colocar as os desenhos propositalmente como ilustração das imagens.

Figura 7: Crianças e o mural da turma



Fonte: Arquivo da turma

Notei que nos desenhos a figura feminina era marcante, mas sempre o motorista era o homem, a figura maior era o homem, e os desenhos feitos por meninas, tinham mais mulheres e os masculinos mais homens. Os desenhos de carrinhos foram feitos somente por meninos.

Procurei, a todo o momento do presente ano escolar, ressaltar a presença da mulher e seus feitos, inclusive da mulher negra. Fiz calendário do mês pensando em rostos femininos de mulheres marcantes como Mariele, Malala, Frida e outras persagens.

Perguntei às crianças se os pais delas a chamavam de príncipes ou princesas e as crianças disseram que sim. Então, pedi as elas que perguntassem aos pais por que eram príncipes e princesas e registrassem no caderno.

Nos cadernos havia respostas como: minha filha é uma princesa porque é muito importante na minha vida; meu filho é um príncipe porque ele é o meu maior tesouro. E as respostas foram se repetindo como se houvesse uma regra a ser seguida. Inconscientemente, os pais e mães dessas crianças reforçam, através de suas falas, a posição frágil das meninas e a posição de conquistador dos meninos.

4.8. O passeio ao Parque Fazenda Lagoa do Nado

Apesar das correções de provas, a organização para festa da família, consegui organizar um passeio ao Parque Lagoa do Nado. Queria verificar como as meninas brincariam com os meninos.

Ao entrar no parque, deixei as crianças livres para fazerem a fila do jeito que quisessem. O resultado foi filas mistas de meninos e meninas, apesar de algumas crianças do mesmo sexo sempre ficarem juntas. Partimos para visitar a exposição dos quilombos no Centro cultural Lagoa do Nado¹⁴, presença marcante da mulher negra e os costumes afrodescendentes. As crianças observaram a tudo e não teceram nenhum comentário.

Fizemos o piquenique, os alunos se posicionaram bem à vontade, compartilharam lanches e conversaram entre eles. Meninos e meninas ficaram descontraídos e bem tranquilos. Pudemos brincar de Rouba Bandeira e Amarelinha Africana. Escolhi as brincadeiras e já havia combinado com os alunos quais seriam elas. Não houve nenhum questionamento. Os meninos raramente aceitavam brincar com as meninas. Nesse dia, eles conseguiram formar times misturados com meninas e meninos.

¹⁴“ Quilombos Urbanos e a Resistência Negra em Belo Horizonte” tem entrada gratuita e reúne acervo dos quilombos das comunidades quilombolas Manzo Ngunzo Kaiango, Luízes e Mangueiras”

Figura 8: Visitando o parque Lagoa do Nado



Fonte: Arquivo da turma

Deixei que as crianças escolhessem os times. Percebi que eles escolheram aleatoriamente entre meninas e meninos. Brincaram algumas vezes e sempre trocavam os times. Não houve atritos entre os alunos sobre quem era o mais forte ou o melhor se divertiram. Brincaram de fazer castelinhos de areia e os meninos e meninas continuaram bem misturados.

Figura 9: Visitando o parque Lagoa do Nado



Fonte: Acervo da turma

Deixei que escolhessem as brincadeiras restantes e optaram por brincar no parquinho instalado no parque. As meninas brincaram na terra fazendo castelinhos, de escorregador e de trepa-trepa, os meninos ficaram nos mesmos brinquedos das meninas. Não consegui fazer jogo de futebol e de casinha com elas. Foi bastante satisfatório perceber que as crianças conseguiram se organizar e “esquecer” a qual sexo pertenciam e quais atividades poderiam exercer. Deixei de cumprir o protocolo de organização da escola, filas, separação entre meninas e meninos e observei com muita tranquilidade as brincadeiras, o entrosamento e a alegria das crianças por estarem livres.

Dias antes de levar as crianças ao parque Marina me perguntou:

Marina: Verdade que as meninas podem jogar futebol?

Eu: sim.

Ela me falou, indignada, que o colega disse que as meninas não poderiam jogar futebol. Perguntei a ela quem disse e ela me disse que era o Leonardo. Perguntei a ele e ele me disse que não havia dito. Ela insistiu e perguntei a ele por que não poderia. Ele me disse que poderia sim e Marina ficou satisfeita.

4.9.“ Por que só as princesas se dão bem?”

Após a leitura do livro “Por que só as princesas se dão bem?” abri uma conversa sobre a atitude da menina do livro. A menina sonhava em ser

princesa e sonhou que era. No desenrolar da história, a menina descobre que ser princesa não é nada legal, pois ela não podia brincar, ir para a escola, ir ao banheiro depois das refeições, tinha que ficar esperando o príncipe que só vivia viajando. Perguntei as crianças o que acharam do livro.

Deise: Os homens eles não levam as meninas pra viajar não e eles vão a qualquer lugar tipo: a praia, a Disney, também Holliwood, e dão um monte de coisas.

Eu: E porque você acha isso injusto ainda acontecer às meninas? Elas ficam em casa enquanto os homens vão passear?

Deise: Na realidade eles vão trabalhar e os príncipes vão viajar.

Eu: Humm e as princesas coitadas têm que fazer o quê mesmo?

Deise: Têm que ficar lá fazendo um monte de coisas.

Deise: Na realidade, as mães cuidam das filhas ou filhos.

Eu: E as princesas ficam em casa fazendo o quê?

Deise: Treinando pra ser nada.

Eu: Pra ser nada? Elas não vão ser rainhas depois, não?

Deise: Elas vai ser rainha, mas ela não vai fazer nada, só vai ficar lá sentada no trono mandando...

Eu: E esse negócio de comer bem, vestir bem, isso compensa, nessa questão dela ser prisioneira do seu reino?

Deise: Não!

Eu: Por que não?

Deise: Então, as pessoas têm direito de comer e de vestir, ela não pode ficar presa dentro de um castelo, por que isso aí é crime!

Eu: É crime? Por que que é crime?

Deise: Por que algumas pessoas saem pra fazer coisas, os pais e as mães vão fazer um monte de coisas, então elas e deixam as babas com os filhos, aí as babas podem ser ruins.

Dalva: Por que as princesas não podem ter cabelo cacheado? Aurora tem cabelo cacheado?

Eu: Por que que não pode ter? Por que o cabelo tem que ser só liso?

Houve uma discussão nesse momento. As crianças começaram a defender o uso do cabelo liso.

Dalva: A metade das princesas podem ter cabelo liso, aí a Aurora tem cabelo cacheado!

Eu: Você acha legal ter o cabelo um igual ao outro?

Dalva: Não!

Eu: Não, por quê?

Dalva: Cada um tem seu jeito.

Eu: Você acha que ela vai ser feliz se ficar diferente?

Dalva: Talvez sim, talvez não.

Eu: Ela vai ser feliz quando?

Dalva: Feliz quando ela tiver o cabelo do jeito que ela quer.

Catarina: E quando ela mudar o jeito!

Eu: Isso quer dizer que ela tem que usar o cabelo sempre do jeito que todo mundo tiver usando?

As meninas: Não!!!

Catarina: Igual eu, se eu quiser ser princesa eu vou escovar meu cabelo pra ser princesa!

Eu: Como é que é ser princesa, Catarina?

Catarina: Ficar se achando, colocar mais roupas, que a gente não fazer do jeito que eles querem, aí vai lá, se for um baile só de cabelo liso? É a gente, isquici. E também se quiser eu vou de cabelo cacheado!

Eu: Pois é aí você vai deixar de ser princesa se for de cabelo cacheado?

Catarina: Não

Eu: Por que não?

Catarina: Por que princesa pode ser do jeito que quiser!

Eu: Quando você fala “se achar” o que você tá dizendo, como assim? Não entendi.

Catarina: Se achar é ficar assim ô, passar muita maquiagem, é pra mostrar pros meninos, é ...

Nesse momento, há um novo rebuliço na sala, os alunos ficaram inquietos e começaram a dizer que as meninas ficam aparecendo demais.

Eu: Mostrar pra quem?

Ela não repetiu o que havia dito.

Catarina: Mostrar pros outros!

Eu: E pra você mesma?

Catarina: a gente fica bunita é pra nós mesmo!

Branco: Ela quê mostrar o que ela tem pros outros que não tem!

Um dos alunos disse que era pra causar inveja.

Ícaro: Se achar é melhor do que ser o dos outros. Se achar é tipo eu achar melhor do que o Yago.

Eu: Então vocês estão dizendo que tem que ser melhor do que os outros e isso irá nos deixar felizes.

Dalva: Mas isso não vai mudar nada na nossa vida, a nossa vida vai ser a mesma

Catarina: E a gente vai ser a mesma pessoa.

Dalva: O cabelo e o rosto.

Eu: Mas o Dalva, por que você acha que não vai mudar nada da sua vida?

Dalva: Porque a gente só vai mostrar os outros o que a gente tem nada mais do que isso. E vai piorar.

Eu: Piorar o quê?

Dalva: Por que a gente só vai ficar mostrando que nós temos, vamos supor, eu mostrei uma roupa que eu tenho e a pessoa não tem, aí quando ela tiver uma coisa que ela tem e eu não tenho, aí eu vou ficar querendo.

Patrícia: Se a gente se achar a gente vai deixar os outros tristes.

Deise: Também se achar é tipo, fazer o cabelo muito bonito! Passar maquiagem, que é só pra adulto, só pra gente ficar bonita.

Pâmela: Eu acho que as princesas têm que fazer o que elas quiser, as donas que cuidam delas tem que fazer o que ela quer. Também as princesas são filhas das rainhas e as rainhas mandam no prefeito.

Percebi que alguns meninos não opinaram e pedi que todos participassem da conversa. Um dos alunos me disse que esse assunto era coisa de meninas e a meninas disseram que não, pois todas as histórias de princesas têm um príncipe. Toda rainha tem seu rei. Todo final feliz tem um príncipe. Branco discordou e disse que nem todas as princesas têm um príncipe. Que nem sempre é assim. Eles começaram a citar as histórias de contos de fada e discutirem o assunto defendendo a existência de um príncipe e, como consequência, a presença masculina nas histórias.

Comentamos sobre os filmes “Valente” e “Mulan”. Os alunos explicaram que no filme “Valente” a personagem principal, Merida ,queria fazer as coisas que o pai fazia, mas a mãe dela não deixava. Perguntei por que, e eles me disseram que era porque ela era uma princesa. No filme “Mulan” ela não era uma princesa porque não conseguiu ser delicada, servir café e se arrumar como uma princesa. Perguntei o que havia de comum nas duas histórias e eles disseram que as duas eram corajosas, gostam de sair e quer proteger as pessoas, o pai.

Terminando a gravação um aluno levantou a mão e perguntou:

Lincon: Por que os padrões de beleza não acontecem com os meninos?

Perguntei a turma.

Icaro: Acontece sim, tipo nas novelas os reis quando aqui (mostrando pro braço) fica escuro é porque eles pintam.

Expliquei que acontece de forma diferente entre meninos e meninas e que com essas ultimas se exige mais.

Dalva: As meninas se arrumam para os meninos.

Pâmela: Elas se arrumam porque o pai e a mãe obrigam.

Voltei a falar que as meninas podem se arrumar sem a pretensão de arrumar um namorado e que nem todas irão casar. Podem decidir o que fazer com suas vidas.

4.10. Desdobramentos observados durante a aplicação do trabalho

4.10.1.Noivado no recreio: um pacto de respeito

Um dia voltando do recreio, no mês de agosto de 2019, percebi que várias crianças estavam carregando um papel em mãos. Havia uma certa agitação. Uma das alunas chegou pra mim e disse:

Professora, você sabia que o Branco irá se casar? Tem até convite olha aqui. E me mostrou um dos papéis que circulavam em sala.

Li o bilhete e era realmente um convite escrito pela “noiva”. Nele apresentava o local, pátio, horário, recreio e o nome dos noivos. O noivo era meu aluno Branco e a noiva uma aluna do terceiro ano. Em meio à correria e agitação da sala não conversei com as crianças. Terminou meu horário e uma outra professora assumiu a sala. Quando já estava quase chegando à sala dos professores, a coordenadora me mostra o convite de noivado e me perguntou se havia visto. Acenei com a cabeça que sim. Ela enfurecida me perguntou:

E você não fez nada?

Fiquei sem entender o que havia de tão errado com o convite.

As crianças envolvidas com o convite de noivado e os noivos foram chamados para conversarem com a coordenação. Após a conversa a coordenadora foi a minha sala e disse que o meu aluno Branco tinha comprado “até anel de noivado e tinha marcado até as núpcias”. Levando para o campo da moralidade, sem, contudo, abrir uma conversa sobre o que realmente havia por trás do encontro de noivado. A meu ver, como não estamos preparados para conversar sobre sexualidade, muitas vezes nos atemos a repressão e a transferir o problema para os pais.

Esse assunto foi parar na reunião de pais da escola. A coordenadora falou sobre o convite e sobre as núpcias e pediu aos pais que conversasse com as crianças de forma a reprimir manifestações parecidas com a que ocorreu. Assim que ela saiu da sala, falei com os pais que estava trabalhando questões de gênero e que os meninos estavam começando a dar sinais de respeito para

com as meninas. O convite de noivado seria uma prova de que os dois estavam decididos e compactuavam com o noivado.

O “noivo” era o aluno que no início do ano tinha ações abusivas em relação às meninas. Esse é o mesmo que comparou a colega a um chocolate e um dos que muito frequentemente forçava abraços e beijos das meninas. O convite seria, portanto, uma forma que ele encontrou de ser “respeitoso” com a menina em questão.

Em sala conversei com as crianças sobre o tempo de infância e sobre o namoro e noivado. Disse a elas que o tempo de criança passa muito depressa e vive-lo significa aproveitar as fantasias e o imaginário sem querer ter comportamento de adultos. Assim o namoro e noivado deveriam ser substituído, por carinho, atenção, amizade e respeito.

4.10.2. A convivência em sala de aula

O clima da sala de aula teve uma melhora considerável após as conversas sobre as questões de gênero e posso afirmar que a guerra entre os sexos diminuiu.

Logo no início do ano letivo, os meninos e meninas se desentendiam com as brincadeiras, atitudes provocativas e até com apelidos maldosos. Havia intolerância dos meninos para com as meninas e as meninas sempre queriam agradar, em certa medida, os meninos.

O resultado disso era um clima de reclamações das meninas em relação aos meninos. Houve um relato de uma menina que foi chamada pelo colega de “baleia” outro de um menino que tinha comportamentos abusivos com as meninas como abraçar, beijar, encostar as mãos e outras partes ao corpo das meninas que se sentiam incomodadas e reclamavam.

Assim, que comecei a ler sobre sexualidade e gênero, pude promover debates em sala de aula, organizei as leituras dos livros aqui indicados, colocando ênfase nas meninas- mulheres que se encontravam Neste espaço. Questionei os alunos sobre a importância da mulher e que marcas ela deixa na vida de cada um da sala.

Os meninos ressaltam que sua mãe desempenha um papel muito marcante na vida deles. Segundo eles, são as mães que cuidam da casa, dos

filhos e trabalham. Algumas meninas chegaram a dizer que as mães não trabalham tanto quanto os homens e que não fazem nada. Questionei sobre as tarefas de cada uma das mães em casa e uma das alunas disse que a mãe fica em casa e não faz nada, somente o pai trabalha. Perguntei quem fazia almoço e ela me disse que era a mãe. Continuei a perguntar sobre outras atividades domésticas e a maioria concordou que quem faz o trabalho doméstico seria a mãe, enquanto o pai e eles “ajudam”.

Por isso, constato que com essas pequenas reflexões com as crianças, pude notar o quanto a disciplina em sala melhorou. Tanto meninos quanto meninas começaram a ter atitudes de respeito e solidariedade. As meninas começaram a questionar sua atuação no futebol, na corrida e exigir respeito dos coleguinhas. Apesar de não polemizar os papéis de cada um dentro da escola, as crianças começaram a entender que eram capazes de fazer outras coisas sem ter julgamento dos colegas; os conflitos que eventualmente acontecem são resolvidos por elas mesmas com diálogo.

Esse talvez seja o maior ganho: trazer questões de gênero para que as meninas já tão subjugadas possam ter voz e acreditem que são capazes de fazer o que julgarem ser melhor para elas.

Este trabalho fez-me ponderar outras considerações que julgo necessárias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo presente trabalho, podemos perceber que as crianças carregam, desde muito pequenas, simbologias que determinam não só os modos de ser de cada uma, como o olhar a respeito do que é considerado natural.

Como observadora, não posso deixar de frisar que, de acordo com minhas vivências e formação como profissional trago em mim concepções acerca do que é feminino e masculino.

As histórias de princesas sempre me fascinaram bastante. Sempre achei que se fosse uma delas poderia mudar muita coisa ao meu redor. Essas concepções só reafirmavam o que trazia como sendo verdade. Hoje sabemos que, através dessa imagem de mulher, várias atitudes sexistas foram reforçadas ao longo do tempo. Isso é claramente observado em um universo pequeno de sala de aula. Meninas fantasiando a ideia de serem princesas e meninos tendo seu ego aumentado por serem disputados pelas meninas.

Essas crianças estão sendo bombardeadas a todo o momento por imagens que não retratam a sua realidade, aguçando a sua imaginação para o consumo desses estereótipos.

O trabalho em questão mostrou que em uma escola pública de periferia, as meninas, quase que instantaneamente, veem-se envolvidas por contos e filmes de princesas que as disciplinam não só como modelo de mulher, mas as tornam preocupadas com a estética, beleza e consumo. Percebemos que, além da família e a religião a escola é um dos propagadores da naturalização dessas imagens e desses estereótipos.

O ambiente escolar reforça a ideia de mulher objeto (pertencimento ao homem) e a ideia sexista de comportamento. Todas as vezes que se cobram mais das meninas que elas tenham comportamentos diferentes dos meninos, todas as vezes que imagens de crianças padrões são veiculadas em livros e atividades, todas as vezes que os espaços da escola forem delimitados entre masculino e feminino e todas as vezes que trouxermos literatura e animações sem questionamentos; estaremos reforçando essas ideias de comportamento.

Trazer a discussão a respeito do feminino como algo que as meninas se identificam – aqui, no trabalho em questão, as princesas - favorece o campo de reflexão. Meninas que, desde cedo, recebem pelos progenitores o título de princesas; que acham ser natural serem objeto, que disputam a atenção dos meninos, deveriam, formar sua consciência crítica a respeito de si mesmas e sua inserção no mundo desde o primeiro contato com a escola.

A ideia de mostrar o comportamento infantil usando as princesas de forma sutilmente chamativa para as crianças, trouxe para dentro de sala uma inevitável discussão de gênero. O que cada um e cada uma poderia fazer e o que realmente era certo e o que era errado.

Educar para o embate ao patriarcado requer muito mais do que teoria. Requer ação. E essa intervenção mostra claramente que nem a concepção teórica e muito menos ações efetivas de discussão sobre gênero estão presente no interior da escola.

No início dessa intervenção, propus a direção da escola trazer um palestrante para falar sobre gênero. Após me explicar todos os passos para o processo de contratação do profissional, me chamou atenção o fato da direção ter dito que avaliasse se era relevante para a escola. Demonstrando, portanto, que a direção não via a questão de gênero como algo importante para a formação dos professores. Outro exemplo disso foi o episódio em que as professoras do meu ciclo de trabalho não consideraram relevantes minhas ponderações sobre os estereótipos presentes na música que elas haviam escolhido para o baile de carnaval das crianças.

Outro ponto que ficou evidente neste trabalho foi a dificuldade do corpo docente da escola em conversar sobre sexualidade com as crianças.

Nos episódios ocorridos em minha sala de aula pude perceber não só as dificuldades da coordenadora em tratar o tema como minhas próprias dificuldades, mesmo buscando apurar uma escuta e uma sensibilidade com a questão.

Além dessas dificuldades apontadas, a construção identitária perpassa por caminhos que vão desde a reflexão até ao conhecimento de formas de combates ao sexismo e ao patriarcado e exigem, portanto, um trabalho diário e

contínuo no cotidiano da escola. Uma vez que essas últimas não seriam prejudiciais somente para as meninas, e sim para a sociedade com um todo, tanto para homens como para mulheres.

Trazer as reflexões sobre o comportamento feminino, abordado através da figura das princesas, trouxe grandes contribuições para um universo pequeno de meninas- minha sala de aula. Contribuindo não só para tornar as relações entre meninos e meninas mais respeitadas, como também para auxiliar na alfabetização e no letramento das crianças.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018. 162 p.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro. Editora Paz e terra, 1980. 367p

BRENMAN, Ilan. **Até as princesas soltam Pum,** São Paulo: Brinque-Book, 2008.

Butler, Judith. Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRANCA, Adriana: **Malala , a menina que queria ir para a escola.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, Ano 2005. 95 p

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida.** São Paulo: editora brasiliense S.A, 1984.

AGOSTINHO, Cristina e COELHO, Ronaldo Simões. **Cinderela e Chico Rei.** Mazza Edições. 2014. 24p

DA MATTA, O ofício do etnólogo, ou como ter “antropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 23-35.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

FINK, Nádia. **Frida Karlo: para meninas e meninos.** São Paulo: Ed. SUR, 2015. 26 p

FOUCOUT, Michel. **Microfísica do poder.** 9ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 2019. 432 p.

FREITAS, Daniela Amaral Silva. Relações de gênero nos kits de literatura afro-brasileira distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte :razão e emoção para regular corpos na literatura infantil In: PARAÍSO, MARLUCY E CALDEIRA, MARIA CAROLINA DA SILVA. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p 115 – 137.

HALL, Stuart: **A identidade cultural na pós Modernidade: quem precisa de identidade?** Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro: quem precisa de identidade? p103 a 133.

HIRATA, Helena ; LABORIE, Françoise, Doaré, Hélène le, senotier, Danièle. **Dicionário Crítico, do Feminismo.** 2009 editora unesp presses universitaires de france, 2009 .Título original: *dictionnaire critique du féminisme.*

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

SILVA, T. T., (2000). **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. p. 73-102.

HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS. Disponível em<<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>>. Acesso em: 02 ago.2019.

Exposição no centro cultural Lagoa do Nado exhibe acervo de comunidades quilombolas de Belo Horizonte. Disponível em<<https://www.feiracultural.art.br/2018/12/21/exposicao-no-centro-cultural-lagoa-do-nado-exibe-acervo-de-comunidades-quilombolas-de-belo-horizonte>>. Acesso em: 03 nov.2019.

Ela deu um nó no meu coração. Disponível em<<https://www.youtube.com/watch?v=Im5mQIN7VAw>>. Acesso em: 13 fev.2019.

Agora chegou a vez vou cantar: mulher brasileira em primeiro lugar. Disponível em<<https://www.youtube.com/watch?v=qWFLEdVvuJk>>. Acesso em 11 fev.2019.

HIRATA, Helena ; LABORIE, Françoise, Doaré, Hélène le, senotier, Danièle. **Dicionário Crítico, do Feminismo** 2009 editora unesp,© 2000 presses universitaires de france (1ª edição)© 2004 presses universitaires de france (2ª edição aumentada) © 2009 da tradução brasileira Título original: *dictionnaire critique du féminisme*

ISADORA, Ragel. **A princesa e a ervilha**. Trad. Taisa Burani. São Paulo: Farol Literário. 2016. 32p

KEMP, Anna. **A pior princesa do mundo**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Ed. Paz e terra. 2012. 32p

LOURO, Guacira Lopes. "Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'". In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: O CORPO EDUCADO Pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª edição. Autêntica. Belo Horizonte 2000. Créditos/copyrights

LOURO, Guacira Lopes: **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas** Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007. Capítulo 3 - A construção escolar das diferenças.

MULLAN. Direção: Tony Bancroft, Barry Cook. Flórida: Walt Disney Feature Animation . 1998.

PARAÍSO, Marlucci Alves; CALDEIRA, Carolina da Silva. Currículos, Gêneros e Sexualidades para fazer a diferença. In: PARAÍSO, MARLUCY E CALDEIRA, MARIA CAROLINA DA SILVA. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p 13 – 21.

PENTEADO, Maria Heloisa. **Cinderela, coleção contos de Grim**. Editora Ática. 2012.

REBOUÇAS, Thalita. **Por que só as princesas se dão bem?** São Paulo: editora Rocco, 2013. 36p

VALENTE. Direção: Brenda Chapman, Mark Andrews. Los Angeles: Pixar, Walt Disney Pictures. 2012.

VASALLO, Márcio. **Minha Princesa Africana**. Belo Horizonte: Abacatte, 2011. 44p

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 149p.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 36 - 45.

VIANNA Claudia, FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: Uma questão de gênero e poder**. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8332009000200010>. Acesso em: 12 mar. 2019.